

Cynthia Thayse Vieira Vicente

A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO HEROICA DE MARIA QUITÉRIA DE JESUS (1823, 1953 e 2023)



Cynthia Thayse Vieira Vicente

A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO HEROICA DE MARIA QUITÉRIA DE JESUS (1823, 1953 e 2023)



EDITORA
UNION

© 2024 – Editora Union

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Autora

Cynthia Thayse Vieira Vicente

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Montagem Imagens Autora: Figura 1: Maria Quitéria com o saio (http://relatosdahistoria.blogspot.com/2010/03/maria-quiteria.html) / Figura 2: Monumento de Maria Quitéria (http://www.famososquepartiram.com/2011/08/maria-quiteria.html) / Freepik/Union

Revisão: A autora

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Dra. Náyrá de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretária de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vicente, Cynthia Thayse Vieira
V632a A Construção da Representação Heroica de Maria Quitéria de Jesus (1823,1953 e 2023) / Cynthia Thayse Vieira Vicente. – Formiga (MG): Editora Union, 2024. 62 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84885-33-2
DOI: 10.5281/zenodo.10533944

1. Maria Quitéria. 2. Heroína brasileira. 3. Guerra da Independência.
4. Exército Brasileiro. I. Vicente, Cynthia Thayse Vieira. II. Título.

CDD: 981.04
CDU: 981

Os conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de sua autora.

Downloads podem ser feitos com créditos a autora. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoraunion.com.br
editoraunion@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoraunion.com.br/2024/01/a-construcao-da-representacao-heroica.html>



**A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO HEROICA DE MARIA
QUITÉRIA DE JESUS (1823,1953 e 2023)**

CYNTHIA THAYSE VIEIRA VICENTE

**A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO HEROICA DE MARIA
QUITÉRIA DE JESUS (1823,1953 e 2023)**

CYNTHIA THAYSE VIEIRA VICENTE

Obra baseada no

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de licenciatura em História, pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Nordeste, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Dias de Souza.

Dedico cada vírgula deste trabalho a duas pessoas importantes em minha vida, meu tio Jackson Vieira de Lima e minha grande amiga, Náxia Rodrigues, que já não se encontram entre nós, mas se tivessem, viveriam isso com muita alegria. "Sua cabelo de fogo" formou tio!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gratidão à Deus e a Virgem Maria, por terem me sustentado até aqui e não me deixarem desistir mesmo com o desânimo, dificuldade e cansaço.

Gratidão ao meu pai, Jusmar Antonio, por ter confiado em mim e investido na minha formação e ser um pai atento às necessidades dos filhos e nunca ter deixado nada faltar. Gratidão à minha mãe, Neura Vieira, meu exemplo de mulher, de coragem, de responsabilidade. Obrigada, por serem minha base e meu apoio, além de serem os motivadores da escolha do meu tema. No meu pai está a origem de Quitéria e na minha mãe a heroína presente nela. Também agradeço a minha avó, Nereide Vieira e meu irmão Walisson Vieira, por rezarem por mim e sempre se preocuparem com minhas necessidades.

Gratidão ao meu companheiro, Gabriel Martins da Silva, por me motivar a ser melhor academicamente e profissionalmente. Obrigada por mim ouvir horas e horas e debater os impasses comigo.

Gratidão à minha turma, que de alguma forma estiveram comigo estudando por horas e apoiando tanto na academia, quanto na vida. Em destaque agradeço aqueles mais presentes: Douglas Ferreira, Ruan Carlos, Camylla Araújo, Thiago Bevenutti, Luiz Moura, Art Torres e Camila Mesquita. Obrigada, pela amizade ao longo dos anos, a ajuda em todos os momentos, pela paciência e carinho. Deixo meu agradecimento em especial ao Ruan Carlos, que foi meu primeiro amigo, agradeço pelas risadas dadas e a importância construída ao longo desses anos. Um agradecimento especial ao meu orientador, Renato Dias de Souza, pelo suporte, pelas críticas feitas e por sempre se mostrar aberto em ajudar nas horas que mais precisei. Suas críticas e sugestões foram importantes e contribuíram de forma significativa para que eu pudesse terminar meu TCC. Meu muito obrigada!

Gratidão a todos os doutores, mestres e professores que estiveram presentes em minha vida acadêmica, desde do ensino básico até aqui. Deixo um destaque ao Professor Álvaro Regiani, Professor Juliano Tiago e Michelle do Santos, o olhar crítico de vocês e a ajuda durante essa graduação foi de grande importância para que eu pudesse crescer e melhorar a minha escrita. Também agradeço aos profissionais que, mesmo fora dos bancos acadêmicos, como as tias do lanche, o guarda, o pessoal da secretaria, biblioteca, informática e o pessoal da van também deixaram em mim a marca do companheirismo.

Agradeço ao meu amigo Marcus Vinícius, por ser presente e por todo o apoio. E gratidão a mim mesma por ser forte e aguentar até o final. Por fim, agradeço a todos que mesmo não citados aqui, trilharam meu caminho e me ajudaram a ser quem eu sou.

A história é feita por homens e mulheres que a inventam a cada instante, no cotidiano de suas vivências, ou no palco político por eles montado. Muitas dessas vivências ou atuações políticas perdem-se para sempre, acumulando-se aos silêncios historicamente constituídos, já que a história oficial tem sido parcial, silenciando ou escondendo sujeitos.

Ana Maria Colling

RESUMO

A pesquisa investiga as representações de Maria Quitéria nos anos de 1823, 1953 e 2023. Nascida em 1792, em Feira de Santana, Bahia, Quitéria é lembrada por suas conquistas em um contexto predominantemente masculino. Embora haja lacunas na documentação sobre sua infância, sua formação básica e habilidades com armas a moldaram para uma vida de destaque. Aos 20 anos, Quitéria se alistou disfarçada de homem no Exército Brasileiro, destacando-se na Guerra da Independência e se tornando uma figura icônica na história do Brasil. A pesquisa tem como objetivo principal compreender as representações da figura de Maria Quitéria nos três períodos históricos, considerando como essas representações contribuíram para moldar a percepção de sua heroicidade. Nesse contexto, a pesquisa se propõe a analisar a disseminação da narrativa de Quitéria, investigar o impacto de diferentes grupos sociais na formação de sua imagem e examinar como visões políticas e culturais influenciaram essa construção ao longo do tempo. A problemática central busca descobrir: como as mudanças nas concepções ao longo do tempo afetaram sua representação e como essas transformações foram utilizadas para reforçar normas culturais e sociais. Para atingir esses objetivos, a metodologia abrange a análise de uma variedade de fontes em diferentes períodos, incluindo bibliografias como as de Pereira Reis Júnior (1953), Bernardino José de Souza (1936) e João Francisco de Lima (1977), além de jornais, revistas e teses. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda da visão e do uso da imagem da heroína pela sociedade em cada época específica.

Palavras-chave: Maria Quitéria. Heroína brasileira. Guerra da Independência. Exército Brasileiro.

ABSTRACT

The research investigates the representations of Maria Quitéria in the years 1823, 1953, and 2023. Born in 1792, in Feira de Santana, Bahia, Quitéria is remembered for her remarkable achievements in a predominantly male context. Although there are gaps in the documentation of her childhood, her basic education and skills with weapons shaped her for a prominent life. At the age of 20, Quitéria enlisted disguised as a man in the Brazilian Army, excelling in the War of Independence and becoming an iconic figure in Brazilian history. The main objective of the research is to understand the representations of Maria Quitéria in these three historical periods and how these representations contributed to shaping the perception of her heroism. In this context, the research aims to analyze the dissemination of Quitéria's narrative, investigate the impact of different social groups on the formation of her image, and examine how political and cultural views influenced this construction over time. The central issue questions how changes in conceptions over time affected her representation and how these transformations were used to reinforce cultural and social norms. To achieve these objectives, the methodology includes the analysis of a variety of sources from different periods, including bibliographies such as Pereira Reis Júnior (1953), Bernardino José de Souza (1936), and João Francisco de Lima (1977), as well as newspapers, magazines, and theses. This approach will allow for a deeper understanding of the perception and use of the heroine's image by society in each specific era.

Keywords: Maria Quitéria. Brazilian heroine. War of Independence. Brazilian Army.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Maria Quitéria com o saiote	26
Figura 2: Condecoração do cenário de Maria Quitéria de Jesus 1853 – 1953	32
Figura 3: Jornal Império do Brasil Diário do Governo (1823)	37
Figura 4: Jornal Sentinela da Liberdade a Beira-Mar da Praia Grande (1823)	38
Figura 5: Jornal Luz Brasileira (1829)	39
Figura 6: Jornal Astro de Minas (1829).	40
Figura 7 Jornal Diário de Notícias (20 de agosto de 1953)	47
Figura 8: Monumento de Maria Quitéria	48
Figura 9: Jornal Diário de Notícias (21 de agosto de 1953)	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. ANOS INICIAIS DE MARIA QUITÉRIA E A ENTRADA NO EXÉRCITO.....	17
2.1 AMBIENTE FAMILIAR E PERDA PRECOCE DA MÃE	17
2.2 O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE CAÇA E ARMAS.....	20
2.3 O CONTEXTO HISTÓRICO E A PARTICIPAÇÃO NA GUERRA DA INDEPENDÊNCIA ...	21
2.4 A ENTRADA NO EXÉRCITO E ASCENSÃO DE PATENTE	24
2.5 AS ADVERSIDADES E DESCOBERTA DA IDENTIDADE.....	25
2.6 OS IMPACTOS E RESULTADOS DO SOLDADO MEDEIROS PARA MARIA QUITÉRIA .	28
2.7 QUITÉRIA RETORNA AO LAR.....	31
3. A RECEPÇÃO DE MARIA QUITÉRIA ATRAVÉS DOS JORNAIS	35
3.1 QUITÉRIA NO JORNAL (1823).....	35
4. REMEMORAÇÃO DE MARIA QUITÉRIA NO EXÉRCITO (1953)	42
4.1 O GOVERNO VARGAS E O EXÉRCITO	42
4.2 O PROCESSO DE ESCOLHA DA HOMENAGEADA EM 1953	46
5. MARIA QUITÉRIA NO SÉCULO XXI.....	53
5.1 HISTÓRIA DAS MULHERES	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	59
A autora	62

1. INTRODUÇÃO

A representação histórica de figuras emblemáticas desempenha um papel crucial na construção da memória coletiva e na formação da identidade cultural de uma nação. Nesse contexto, Maria Quitéria emerge como uma figura cuja as conquistas desafiaram normas sociais predominantes. Nascida em 1792, em Feira de Santana, Bahia, Maria Quitéria de Jesus foi considerada uma heroína da Independência do Brasil.

Apesar da escassez de informações sobre sua infância, sabemos que sua educação básica incluiu leitura, escrita e aritmética, sem registro de frequência em escolas formais. Órfã de mãe desde jovem, Quitéria viu seu pai, Gonçalo Alves de Almeida, casar-se novamente duas vezes. Aos 20 anos, Maria Quitéria tentou se alistar no Exército Brasileiro, mas, sendo mulher foi impedida. Determinada, cortou o cabelo, adotou roupas masculinas e ingressou como Soldado Medeiros, participando disfarçada na Guerra da Independência.

Esta pesquisa visa analisar as representações de Maria Quitéria nos períodos de 1823, 1953 e 2023, explorando como essas visões moldaram sua percepção como heroína. Em 1823, com a Independência do Brasil e o contexto imediato de sua atuação nela, podemos vislumbrar uma visão inicial sobre sua figura. Em 1953, por ocasião do centenário da Guerra da Independência, é possível observar como a sociedade e as narrativas históricas a retrataram após um século, destacando mudanças e interpretações históricas que ocorreram ao longo desse período. Por fim, em 2023, sob uma perspectiva atual, refletindo os valores, avanços e desafios culturais e sociais presentes na atualidade, permitindo uma análise do legado e impacto de Maria Quitéria na sociedade.

Os objetivos incluem investigar a disseminação da narrativa de Quitéria, as estratégias de divulgação que contribuíram para sua imagem de heroína e o papel de grupos sociais na sua construção ao longo do tempo. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa utiliza obras de autores como Pereira Reis Júnior (1953), Bernardino José de Souza (1936) e João Francisco de Lima (1977), além de jornais, revistas e teses. Isso possibilita uma compreensão profunda das visões e do uso da imagem da heroína em diferentes épocas. A problemática central é como as mudanças conceituais ao longo do tempo influenciaram sua representação e reforçaram normas culturais e sociais.

A pesquisa está dividida em quatro capítulos. O primeiro apresenta a pessoa, quem foi Maria Quitéria e suas responsabilidades desde a infância, sua habilidade no manuseio de armas e sua estratégia para ingressar no Exército. Além disso, detalha seu processo de alistamento, seu reconhecimento adquirido e as adversidades enfrentadas quando foi descoberta como mulher no Exército. Esse capítulo também aborda o impacto de Quitéria, suas batalhas, sua influência sobre outras mulheres e seu exemplo na história da Independência.

O segundo capítulo se concentra na análise da maneira como Maria Quitéria foi retratada pelos jornais da época, especificamente em 1823. O objetivo aqui é explorar como a mídia da época descreveu Maria Quitéria.

No terceiro capítulo, aprofundaremos nossa compreensão sobre os motivos que levaram o Exército Brasileiro a escolher Maria Quitéria como uma de suas patronas e a prestar homenagem a ela em 1953, um século após sua morte. Para isso, examinaremos cuidadosamente o contexto em que essa homenagem ocorreu e identificaremos as mensagens que o Exército desejava transmitir tanto aos seus soldados quanto à sociedade em geral.

No quarto e último capítulo, analisaremos como Maria Quitéria é percebida na sociedade atual. Investigaremos como sua figura é interpretada, reconhecendo a importância de mulheres como Maria Quitéria no contexto contemporâneo.

2. ANOS INICIAIS DE MARIA QUITÉRIA E A ENTRADA NO EXÉRCITO

Os primeiros anos de vida de Maria Quitéria proporcionam a compreensão de suas motivações, bem como do ambiente familiar em que cresceu. A dinâmica entre os membros da família e sua relação com os pais podem ajudar a contextualizar sua formação. A perda precoce da mãe e o impacto emocional que isso pode ter tido em sua infância e adolescência são aspectos importantes a serem explorados.

Portanto, este capítulo tem duas finalidades: apresentar a bibliografia de Maria Quitéria, sua trajetória desde da infância até a morte, e como seus feitos foram recebidos pela população.

2.1 AMBIENTE FAMILIAR E PERDA PRECOCE DA MÃE

A compreensão das origens e dos primeiros anos de vida de Maria Quitéria de Jesus é fundamental para traçar um panorama completo de sua trajetória e entender as motivações que a levaram a se tornar uma figura tão emblemática na história do Brasil (Almeida, 2011).

Maria Quitéria de Jesus nasceu em 1792, na cidade de Feira de Santana, Bahia, em um contexto em que o país ainda estava sob influência colonial. Seu ambiente familiar refletia as condições de vida da época: um cotidiano marcado por desafios econômicos e sociais. Seus pais, Gonçalo Alves de Almeida e Quitéria Maria de Jesus, tiveram a primeira filha, Maria Quitéria, e em 1794, nasceu a segunda, chamada Josefa, e o terceiro chamado Luís em 1796. Quitéria foi batizada na Igreja Católica em 1798, após já ter completado seis anos. O batismo ocorreu na capela de São Vicente. A vida foi um pouco injusta com Quitéria, pois aos 10 anos, sua mãe faleceu. Diante disso, as responsabilidades já a perseguiram, pois ficou responsável por ajudar na criação dos irmãos (Andrade, 2021).

A perda precoce da mãe teve um impacto profundo na infância e adolescência, gerando um vácuo emocional e desafios práticos. De acordo com Perrot (2019), meninas frequentemente começavam a trabalhar cedo, especialmente aquelas de famílias humildes, muitas vezes direcionadas para atividades domésticas, como cuidar dos irmãos

mais novos para aprender os cuidados necessários para o futuro. Sua responsabilidade de cuidar dos irmãos pode ter influenciado seu senso de dever e comprometimento, características que emergiram em sua participação na Guerra da Independência. Quitéria seguiu um caminho semelhante, pois ela cuidava de sua irmã Josefa e do irmão mais novo, Luís. Ela não teve a chance de continuar na escola, limitando sua educação formal. No entanto, ela se dedicou ao que sabia e perseverou até o fim da vida. Naquela época, o ensino não era comum para as meninas, que geralmente eram instruídas em tarefas domésticas, como bordar e tecer, de acordo com Galeno (1954):

Avulta ainda mais a ação da nossa heroína, se atendermos ao meio ambiente em que viveu, num vilarejo da Bahia, numa fazenda do sertão, onde mais fortes eram os preconceitos. As jovens sertanejas, naquela época, apenas tinham o direito de obedecer aos pais ou esposo, coser, cuidar da casa e dos filhos. A instrução que recebiam era sobremodo escassa: aprendiam certas prendas domésticas e algumas sabiam ler e escrever rudimentarmente. Não gozavam sequer da liberdade de amar e ser amada, pela livre escolha de seu coração. Tinham que aceitar o esposo que lhe era indicado pelos pais e a ele permanecer fiel, sob pena de receber o anátema da sociedade mesquinha a que pertenciam (Galeno, 1954, p. 135).

Ao se tornar adolescente, Maria Quitéria, por ter convivido mais com a presença masculina, foi influenciada a aprender atividades diferentes das meninas da época, como montaria, caça e o manejo de armas. No entanto, sua maior paixão entre essas atividades era a caça, à qual dedicava tempo e esforço. A mãe de Quitéria faleceu em 19 de Julho de 1802, levando seu pai, a casar-se novamente após cinco meses, a fim de obter ajuda na criação dos três filhos pequenos, com idades de dez, oito e seis anos (Hollanda, 1997).

Diante dessa situação, Gonçalo contraiu matrimônio pela segunda vez com Eugênia Maria dos Santos, também natural da Bahia. Há registros de que essa escolha se mostrou certa, já que a madrasta demonstrou carinho por seus enteados. Entretanto, ela adoeceu e faleceu poucos anos após o casamento. Ficando viúvo pela terceira vez, Gonçalo decidiu mudar-se para o Sítio do Licoreiro, buscando terras mais férteis. Devido às suas economias, conseguiu adquirir terras no local denominado Serra da Agulha, onde comprou uma fazenda no noroeste de São José das Itaporocas (Souza, 1936).

Maria Quitéria tinha doze anos quando a mudança ocorreu, e por ser a filha mais velha, foi incumbida de cuidar dos irmãos. Na tentativa de encontrar uma auxiliadora, Gonçalo casou-se novamente, dessa vez com a terceira esposa chamada Maria Rosa de

Brito. Com o tempo e a expansão das propriedades, o casal teve mais filhos: Francisca; Tereza e Bernarda. E depois: Ana, Josefa e Manuel, consolidando assim a família na casa grande de Serra da Agulha, em 1815. A primeira madrasta era atenciosa para com os filhos de Gonçalo, entretanto, a segunda esposa Maria Rosa, entrou em conflito com Quitéria devido à forte personalidade desta última (Coelho, 2019).

A mudança para a fazenda foi bastante vantajosa, pois a administração com a ajuda do solo fértil, contribuiu significativamente com o aumento das riquezas. “O gado [...] atingira algumas dezenas de cabeças. Recrudescer a plantação de algodão. [...] Tinha então o homem vinte e seis escravos” (Reis Júnior, 1953, p. 24).

A colheita do algodão foi bastante e o preço da sua roça daria aproximadamente quatro a cinco mil réis no comércio da Cachoeira. Com os valores apurados em prol do plantio, aumentou o patrimônio comprando mais terras. Com a ambição e determinação de Gonçalo, pai de Quitéria, logo se tornou um fazendeiro de muitas posses (Andrade, 2021).

Em 1815, aos vinte e três anos, Maria Quitéria já não tinha a responsabilidade de cuidar de seus irmãos, permitindo-lhe ter mais tempo livre. Segundo Reis Júnior (1953), uma das atividades nas quais ela concentrava seu interesse era a caça nos arredores das terras de seu pai. Habilidade no manejo da espingarda, demonstrava destreza em suas caçadas, capturando aves e ocasionalmente mamíferos (Reis Júnior, 1953).

Na idade adulta, Quitéria tinha poucas amigas. Dos registros existentes, apenas Maria Hermenegilda de Oliveira é mencionada como sua amiga mais próxima, tendo deixado depoimentos sobre essa amizade através de seu neto. De acordo com Coelho (2019), em 1820, aos vinte e oito anos, Maria Quitéria teria se apaixonado. Um boiadeiro das proximidades das terras de Gonçalo, chamado Gabriel Pereira de Brito, despertou o interesse dela. Ao conversar com ele, Maria Quitéria gostou tanto do rapaz que desejou casar-se, mas seu pai, Gonçalo, desaprovou a união. Gonçalo, desaprovou por não considerar o rapaz como uma opção que assegurasse um futuro promissor ou vantajoso para sua filha. Ele buscava um casamento mais afortunado, o que resultou na rejeição da união.

Os casamentos que Gonçalo realizou desempenharam um papel fundamental no aumento de sua riqueza, a cada novo dote, uma vez que os casamentos naquela época eram frequentemente arranjados pelos pais para manter o crescimento do patrimônio familiar (Reis Júnior, 1953).

Castro (1998) ressalta os costumes da época, onde as moças eram ensinadas a adquirir modos e boas maneiras, sendo instruídas a não utilizar roupas reveladoras e a manter os cabelos presos e preferencialmente cobertos. Essa preparação e aprendizado eram voltados para o papel futuro de serem esposas e mães. A estrutura do Estado era moldada pelos valores transmitidos pela Igreja, assim como pelas ambições que permeavam a sociedade.

Diante da cultura social vivenciada na época e das tradições, o pai de Quitéria compactuava com essa situação e achava correto que as mulheres pertenciam ao lar. No entanto, ele deu à filha Quitéria a oportunidade de aprender coisas que normalmente seriam ensinadas apenas aos homens. Ensinou-lhe a montaria e o manuseio de armas, assim como as formas e estratégias da arte da caça, por exemplo (Faqui, 2022).

Embora Gonçalo tenha ensinado sua filha a ser habilidosa com armas, caça e montaria, jamais imaginaria que ela colocaria essas técnicas em prática longe de suas terras. Quando Maria Quitéria soube da convocatória pública de voluntários de D. Pedro I para a integração ao Exército, com a possibilidade de fazer parte do Exército libertador que lutaria contra o domínio português, ela se voluntariou. No entanto, estava diante do empecilho de ser mulher, o que a impedia de participar da guerra (Hollanda, 1997).

2.2 O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE CAÇA E ARMAS

Desde cedo Maria Quitéria parece ter adquirido um conjunto de habilidades que estavam diretamente relacionadas às atividades de subsistência e à proteção de sua família. O domínio da caça e do manuseio de armas pode ser entendido como uma resposta pragmática à necessidade de prover alimento para seus irmãos mais novos após a perda de sua mãe. As dificuldades econômicas que sua família possivelmente enfrentava naquele contexto poderiam ter motivado Quitéria a desenvolver essas habilidades como uma forma de contribuir para o sustento da família e suprir as necessidades básicas (Andrade, 2021).

Além do aspecto prático, a proficiência nas atividades de caça e defesa também pode ter servido como uma fuga temporária das dificuldades da vida cotidiana. A natureza desafiadora dessas atividades, que exige concentração, destreza e habilidades físicas, pode ter proporcionado a Maria Quitéria uma maneira de se desconectar das preocupações e responsabilidades que recaíam sobre ela como cuidadora dos irmãos mais

novos. As atividades proporcionaram um senso de realização e controle em um ambiente onde o controle sobre a própria vida era limitado (Coelho, 2019).

O prenúncio das futuras habilidades de Maria Quitéria como soldado é evidente nessas atividades, uma vez que sua capacidade de manusear armas com destreza e enfrentar situações desafiadoras na caça refletiu-se em sua atuação no Exército Brasileiro. Sua proficiência na adaptação rápida às demandas militares, como o aprendizado das táticas de combate, o respeito às ordens superiores e a habilidade de enfrentar ambientes hostis em batalhas. Assim sendo, as habilidades de caça e o manuseio de armas que Maria Quitéria desenvolveu desde jovem não apenas forneceram meios práticos de subsistência para sua família, mas também sinalizaram sua determinação em enfrentar desafios e superar obstáculos (Almeida, 2011).

2.3 O CONTEXTO HISTÓRICO E A PARTICIPAÇÃO NA GUERRA DA INDEPENDÊNCIA

Para compreender como Maria Quitéria se alistou, é necessário entender um pouco do contexto da época. Quando D. Pedro se posicionou contra as ordens da Corte Portuguesa, em um evento crucial conhecido como "Dia do Fico", em 9 de janeiro de 1822, marcou um ponto importante na história do Brasil. Naquela época, o Brasil ainda era uma colônia de Portugal, e o príncipe regente Dom Pedro estava no país para governar em nome do Rei português. Entretanto, as pressões políticas e econômicas da elite brasileira, bem como as tensões com Portugal, levaram a um aumento da demanda pela independência do país (Lima, 1977).

D. Pedro recebeu apoio da maioria dos comerciantes e fazendeiros que compunham o partido brasileiro. O povo temia que o Brasil voltasse a ser uma colônia. O Partido Brasileiro (PB) foi fundado em 1817, durante o período colonial, com o propósito de buscar a autonomia do Brasil em relação a Portugal, defendendo a ideia de que o país deveria ter seu próprio governo independente (Campos, 1917).

O Partido Brasileiro (PB) tinha como líderes figuras como José Bonifácio de Andrada e Silva, que se tornaria um dos principais articuladores da independência do Brasil, e Joaquim Gonçalves Ledo, um dos principais líderes da Revolução Pernambucana de 1817, que buscava a independência da região de Pernambuco em relação a Portugal. O partido tinha uma base popular diversificada, incluindo membros das elites locais, profissionais liberais, comerciantes e artesãos. Ele foi o primeiro partido político

organizado no Brasil e desempenhava um papel crucial como precursor dos movimentos de independência que surgiriam nos anos seguintes (Campos, 1917; Reis Júnior, 1953).

O Partido Brasileiro (PB) teve uma existência curta, sendo dissolvido em 1820, quando Portugal tentou reafirmar seu controle sobre o Brasil. Isso resultou na imposição de medidas de censura e repressão contra as manifestações autonomistas. No entanto, sua influência política e suas ideias continuaram a impactar a luta pela independência do Brasil e a construção da identidade nacional brasileira (Campos, 1917).

Em 15 de fevereiro de 1821, um acontecimento crucial ocorreu na Bahia, especialmente na cidade de Salvador, quando o navio "Leopoldina" atracou no porto, trazendo consigo mensagens de extrema importância. Esse evento aconteceu em um cenário marcado por tensão e conflito, já que Salvador era a sede das tropas lusitanas, e as relações entre os colonos brasileiros e as autoridades portuguesas estavam se deteriorando (Andrade, 2021; Reis Júnior, 1953).

O "Leopoldina" trouxe uma Carta Régia, que continha uma determinação significativa para o contexto político e militar da Bahia naquela época. A Carta Régia anunciava a nomeação de um novo comandante, Inácio Luís Madeira de Melo, que seria responsável por liderar as forças armadas na região. Até então, a Bahia era dividida em províncias, mas essa nomeação unificaria o comando das armas em toda a região, centralizando o controle militar nas mãos de Madeira de Melo (Faqui, 2022).

Essa nomeação e a centralização do comando militar tinham implicações profundas para a situação política e social na Bahia. A presença de um novo comandante e a concentração de poder nas mãos das autoridades portuguesas eram vistas com desconfiança pelos colonos brasileiros, que buscavam a autonomia e a independência do domínio português. A chegada da Carta Régia no navio "Leopoldina" aumentou a tensão entre os dois lados, culminando em conflitos e manifestações populares que desempenharam um papel importante nos eventos subsequentes da luta pela independência do Brasil (Faqui, 2022).

A Carta Régia trazida pelo navio "Leopoldina" representou mais do que simplesmente uma troca de comandante. Ela simbolizou o embate entre os interesses portugueses e a busca por autonomia por parte dos brasileiros, desencadeando uma série de eventos que culminaram na luta pela independência do Brasil. O "Leopoldina" e sua carga de mensagens se tornaram um símbolo icônico desse momento histórico, marcando o início de uma nova fase na história do país (Souza, 1936).

O novo comandante iria substituir Manuel Pedro de Freitas Guimarães, que era brasileiro. Após a notícia se espalhar, surgiram boatos de que essa Carta não tinha validade, pois faltava o registro na Contadoria Geral da Corte; dessa forma, a carta era considerada ilegal. A junta comercial do governo concluiu que a carta teria validade se Madeira de Melo a reconhecesse e, diante disso, julgou que a necessidade do registro na Câmara era irrelevante. Com as divergências sobre aceitar ou não a carta como legal, o povo se dividiu em dois partidos: a tropa brasileira, liderada por Guimarães, e outra tropa lusitana, que tinha Madeira de Melo como chefe (Coelho, 2019).

Segundo Neto (1980) “desde o começo de 1822, fermentavam as rixas políticas naquelas províncias [Bahia], consequência de graves acontecimentos em Portugal, com sérios e inevitáveis reflexos na vida brasileira”. Com o crescimento da guerra civil na província da Bahia, Maria Quitéria se mantinha informada sobre suas lutas, pois os comerciantes ao passar pelas terras da sua família contavam (Reis Júnior, 1953).

José Cordeiro de Medeiros, que era casado com Tereza, havia recebido da Junta do Governo uma convocação para homens servirem na guerra. Os convites vieram por emissários, quando chegou o da Serra da Agulha, terras de Gonçalo, no convite foi anunciado o risco de Portugal retomar o controle das terras baianas, revertendo o Brasil à condição de colônia, no entanto D. Pedro, queria ficar, pois havia escolhido o Brasil. Mesmo com a convocação, Gonçalo reagiu indiferente (Lima, 1977).

Maria Quitéria, diante da impossibilidade de seu pai mandar filhos para integrar as forças militares, tomou a iniciativa de manifestar seu desejo de se unir ao Exército. Em uma atitude audaciosa, ela pleiteou junto a Gonçalo a permissão para ingressar nas fileiras militares. Sua justificativa era embasada em suas habilidades adquiridas ao longo do tempo, como o manejo de armas durante atividades de caça, e as aptidões de sobrevivência que havia aprendido com ele (Almeida, 2011; Andrade, 2021).

Apesar da sua argumentação convincente e da sua disposição em contribuir ativamente para a causa, a permissão de Quitéria para compor o Exército foi inicialmente negada. O contexto social e as normas da época eram desfavoráveis às mulheres participando de ações militares. No entanto, essa recusa inicial não diminuiu a determinação de Quitéria, que persistiu em sua busca por uma oportunidade de fazer sua parte na luta (Santos, 2003).

2.4 A ENTRADA NO EXÉRCITO E ASCENSÃO DE PATENTE

O alistamento de Maria Quitéria teve início com a chegada de um emissário às terras de seu pai. Ela surpreendeu seu pai ao manifestar o desejo de se alistar, pedindo permissão que prontamente foi negada. O argumento utilizado era que as atividades das mulheres se limitavam a tecer, cuidar dos afazeres domésticos e bordar. Recrutar soldados para a guerra era considerado um papel exclusivamente masculino naquela época em que as restrições de gênero eram profundamente enraizadas (Hollanda, 1997).

Diante da recusa do pai, Maria Quitéria não viu isso como uma barreira intransponível para sua participação na guerra. Decidiu então fugir de casa e encontrou apoio em sua meia irmã Tereza. A resposta negativa de Gonçalo deve ser entendida dentro do contexto das restrições sociais de papéis de gênero que prevaleciam, inclusive antes da colonização (Lima, 1977).

Naquela época, o Brasil ainda era uma colônia de Portugal, e as mulheres não desfrutavam dos mesmos direitos que os homens. Maria Quitéria, entretanto, não aceitava passivamente essa situação e decidiu agir para mudar essa realidade. Embora as mulheres não tivessem permissão para participar das atividades armadas junto aos homens, mesmo que fosse para defender a honra de sua família e da nação, Gonçalo não permitiria que sua filha se alistasse (Santos, 2003).

Maria Quitéria, ao decidir se alistar, cortou o cabelo e contou com a ajuda de sua irmã, Tereza, que também apoiava a ideia de participar, mas não pôde devido à gravidez. Tereza, no entanto, auxiliou Quitéria a obter um disfarce, com o consentimento de seu cunhado, José Cordeiro de Medeiros, que permitiu que ela usasse seu sobrenome. José Cordeiro de Medeiros também se prontificou a acompanhar Quitéria até a vila que levava a Cachoeira, a cerca de oitenta quilômetros de distância das terras de Gonçalo, seu pai (Andrade, 2021).

Ao se disfarçar de homem e ingressar nas fileiras do Exército Brasileiro, Maria Quitéria enfrentou diversos desafios que refletiram sua determinação. De acordo com Reis Júnior (1953), não há registro do pronome que ela adotou após assumir o sobrenome de seu cunhado, ela se alistou como herdeiro de José de Medeiros. Após se vestir com as roupas de seu cunhado, ela seguiu a carreira militar como soldado Medeiros e dirigiu-se à Vila de Cachoeira, local de alistamento para o batalhão de voluntários que se uniriam à guerra de D. Pedro (Reis Júnior, 1953).

O "soldado Medeiros", apesar de sua habilidade em manejar armas, aparentava fragilidade devido a sua estrutura atlética. No entanto, sua aptidão no uso de armamentos lhe rendeu promoções, e ele foi transferido para o trabalho com artilharia, operando canhões. Agora parte do Batalhão n.º 3, esse grupo era conhecido como Caçadores e Voluntários de D. Pedro, em homenagem ao príncipe. Além disso, o batalhão também ganhou a alcunha de "Batalhão dos Periquitos" devido à cor verde de suas roupas e acessórios (Santos, 2003).

No entanto, o segredo de Maria Quitéria não permaneceu oculto por muito tempo. Seu pai, Gonçalo, não cessou na busca por sua filha, determinado a descobrir o que havia acontecido com ela e após quase duas semanas, seu incansável esforço de investigação finalmente trouxe à luz o disfarce de Quitéria. Ele exigiu que ela retornasse à sua vida anterior (Almeida, 2011; Reis Júnior, 1953).

2.5 AS ADVERSIDADES E DESCOBERTA DA IDENTIDADE

Durante seu tempo no Exército, com o objetivo de manter seu disfarce intacto, Quitéria adotou uma discrição impecável. Sua permanência no Exército dependia do segredo de sua verdadeira identidade como mulher. Por isso, precisou ser discreta e manter seu disfarce de soldado em todos os momentos, inclusive durante o descanso e a convivência com seus companheiros de batalha (Faqui, 2022).

Sua ascensão de patente, apesar das restrições sociais e de gênero da época, e a revelação de sua identidade pelo próprio pai são aspectos cruciais que ressaltam sua notável perseverança e resiliência nesse período histórico crucial. O Major José Antônio da Silva Castro optou por permitir sua permanência no batalhão devido à competência e habilidade de Quitéria no manejo de armas, bem como seu comportamento exemplar na disciplina durante o serviço nas tropas militares (Andrade, 2021).

O Major reconheceu sua utilidade e habilidades, e sua idade, uma vez que já havia completado trinta anos e, portanto, poderia responder por seus próprios atos. Entretanto, Gonçalo amaldiçoou sua filha e a abandonou. Como resultado, Quitéria manifestou o desejo de modificar o uniforme, incluindo uma saia, a fim de que seu gênero feminino fosse reconhecido por todos. De acordo com Reis Júnior (1953):

No dia 28 de março [de 1823], atendendo à sua solicitação, o Conselho Interino do Governo, manda o Inspetor dos Fardamentos, Montarias e

Misteres entregar ao cadete Maria Quitéria, dois saíotes de camêlão ou de outro pano semelhante, e uma fardeta de polícia e, no dia 31 do mesmo mês, outra ordem manda lhe seja fornecida uma espada¹

Figura 1: Maria Quitéria com o saíote



Fonte: <http://relatosdahistoria.blogspot.com/2010/03/maria-quiteria.html>

Na época, não se acreditava na competência das mulheres para o trabalho militar, assim como não se compreendia sua participação na política. Foi somente na década de 1960 que o espaço para a ocupação das mulheres começou a crescer, impulsionado pelo surgimento do feminismo. Esse movimento trouxe consigo questionamentos sobre atividades que eram consideradas exclusivas dos homens. De acordo com Caire (2002), ocorreu uma mudança significativa nas percepções e oportunidades das mulheres, gerando transformações na sociedade.

Com a exceção de algumas heroínas, até mesmo chefes militares, que se destacaram pelas proezas em combate e se transformaram em lendas em seus países, a participação das mulheres na defesa das nações, tanto no Leste como nos países ocidentais, foi até os últimos anos, facilmente admitida em tempos de guerra, porém, uma vez feita a paz, elas foram

¹ Livro de Registro de Portaria do Governo Provisório da Villa da Cachoeira da Bahia. Apud REIS JÚNIOR, Pereira. Op. Cit; p. 47.

rejeitadas pelos exércitos ou, quando muito, limitadas às funções subalternas ou de menor responsabilidade (Caire, 2002, p. 11).

A habilidade militar demonstrada por Maria Quitéria era notável, mesmo sem ter recebido treinamento formal em técnicas de combate. Quitéria aprendeu a manusear armas e adaptou-se com agilidade e perfeição às táticas militares da época. Além disso, também se destacou em liderança, comandando um grupo de soldados em diversas batalhas, demonstrando habilidade em tomar decisões rápidas e coordenar ações em situações de risco (Faqui, 2022).

Segundo Reis Júnior (1953, p. 44), "manejando com segurança a arma de fogo, disciplinado e de comportamento exemplar, o soldado Medeiros é bem visto na tropa". Após seu pai ter descoberto e o major ter aceitado a sua participação nas tropas, Quitéria passou a utilizar vestimentas femininas dentro do batalhão, abandonando as roupas masculinas e os acessórios que colaboraram com seu disfarce.

Em 29 de outubro de 1822, uma ordem do Major Silva Castro determinou que todos os membros do batalhão seguissem para um novo destino, a Ilha da Maré. Lá, a tropa do batalhão deveria organizar a defesa. Foi durante esse trajeto que Quitéria entrou em combate pela primeira vez, em Pituba, Bahia, quando foram emboscados pelas tropas portuguesas. No ano seguinte, em 1823, lutou novamente, em Itapuã, recebendo elogios. Segundo Reis Júnior (1953), nessa ocasião, a tropa do batalhão dos periquitos atacou os inimigos, os aprisionou e os conduziu para o acampamento brasileiro (Santos, 2003).

De acordo com Caire (2002), João José foi o primeiro marido de Quitéria, mas o destino dele após o casamento não é determinado, já que não existem relatos sobre sua vida posterior (Lima, 1977). De acordo com Reis Júnior (1953) e Hollanda (1997), Maria Quitéria e João José haviam se casado na Igreja, com poucos convidados, entre eles os próprios amigos de combate e os capelães. Um dos presentes foi o capelão beneditino Frei José S. B. Damázio.

João José Luís, também era conhecido como o "furriel". O termo "furriel" deriva de uma hierarquia militar de origem portuguesa e representa um posto suboficial, responsável por funções de supervisão e treinamento no campo de batalha. Diante disso, o furriel atuava como assistente do sargento, exercendo um papel fundamental na orientação das tropas e na coordenação de atividades estratégicas.

Na hierarquia militar, o furriel desempenhava um papel intermediário entre os oficiais superiores e os soldados rasos. Sua posição lhe conferia a responsabilidade de

supervisionar as atividades dos soldados no acampamento militar, assegurando que estivessem bem preparados para enfrentar as demandas do combate. Além disso, o furriel liderava pequenos grupos de soldados em ações táticas durante as batalhas, coordenando estratégias de ataque e defesa para alcançar os objetivos definidos (Coelho, 2019).

Maria Quitéria desempenhou o papel de furriel na tropa do 6º Batalhão de Voluntários do Príncipe. Ao assumir essa posição, Quitéria ocupou um papel de destaque no comando das tropas, contribuindo para a organização e eficácia das operações no campo de batalha. A presença de uma mulher como furriel naquela época era notável e representava um desafio às normas de gênero da sociedade da época (Reis Júnior, 1953).

2.6 OS IMPACTOS E RESULTADOS DO SOLDADO MEDEIROS PARA MARIA QUITÉRIA

O Conselho Interino do governo teve um papel crucial no contexto da Independência do Brasil, atuando como um órgão representativo das principais províncias do país. Composto por membros escolhidos para governar de maneira autônoma e preparar o Brasil para sua Independência, o Conselho Interino foi decisivo na condução dos assuntos políticos, administrativos e diplomáticos durante um período crucial de transição. Formado por representantes das províncias brasileiras, o Conselho Interino tinha a responsabilidade de tomar decisões importantes para o país. Entre suas atribuições mais significativas estava a criação de leis e decretos que definiriam as bases legais e regulatórias para a nova nação em formação. O órgão tinha autoridade para nomear autoridades governamentais e militares, desempenhando um papel essencial na estruturação e organização do governo brasileiro (Hollanda, 1997).

Outra função importante do Conselho Interino era a gestão das finanças públicas, garantindo a estabilidade econômica e a viabilidade financeira do país em meio às mudanças políticas e sociais em curso. O órgão tinha a tarefa de conduzir as relações diplomáticas com outras nações, estabelecendo o Brasil como um ente autônomo no cenário internacional. Apesar de sua breve existência, o Conselho Interino desempenhou um papel significativo no processo de Independência do Brasil. Sua atuação representou o início da afirmação da autonomia política e administrativa do país em relação a Portugal (Reis Júnior, 1953).

Assim sendo, novamente Quitéria se viu envolvida em outro episódio de luta, dessa vez na Barra do Paraguaçu, comandou um grupo de mulheres simples e civis que inspiradas pelo exemplo de Quitéria, se uniram ao batalhão para enfrentar os portugueses. Além de se disponibilizarem a batalhar nas guerras pelo país (Reis Júnior, 1953).

Segundo Caire (2002):

O emprego de mulheres em missões de combate é mal visto nos países ocidentais, em especial nos latinos, mas se deve reconhecer que, em tempo de guerra, elas têm sido utilizadas sem parcimônia alguma e, uma vez ameaçada a nação, as mulheres são aceitas, ou melhor a nação para elas apela (Caire, 2002, p. 11).

E para Andrade, (2021):

Neste momento nos cabe a reflexão sobre o aceite de mulheres nas tropas. Na historiografia que compete à participação de mulheres em conflitos armados, a admissão do sexo feminino em guerras, por um lado está ligado à insegurança nacional. Principalmente durante as guerras, as mulheres normalmente foram admitidas nas funções de enfermeiras para ajudar na recuperação do contingente de feridos, logo, não é tão comum a inserção destas nos frentes de batalha. Neste caso, podemos refletir sobre a tamanha insegurança nacional que permeia o território colonial naquele momento, fazendo-o temer a não conquista do status de nação independente da metrópole portuguesa, deixando assim que mulheres se voluntariassem e participassem dos conflitos tanto quanto homens (Andrade, 2021 p. 46).

Surgiu a percepção da influência que Quitéria trouxe para outras mulheres. Estas expressaram o desejo de participar da história da Independência do Brasil, enfrentando conflitos e arriscando suas vidas em prol da nação. Visto que as mulheres não eram obrigadas a participar do serviço militar, manifestaram a vontade de conquistar espaço nas batalhas por aquilo em que acreditavam valer a pena lutar (Andrade, 2021).

De acordo com Rovinha e Souza (2015):

As mulheres passaram a se inserir nas Forças Armadas, a partir de 1943, por solicitação do governo norte-americano, em que foi criado o Corpo de Enfermeiras de Reserva do Exército de Serviço da Saúde, em que houve a participação de 73 enfermeiras na Itália. Foram convocadas voluntárias que possuíssem qualquer qualificação para o serviço de enfermagem. Após isso, todas foram para os Estados Unidos, onde seria o treinamento e em seguida foram para a Itália. Após a guerra, todas se desligaram do Exército (Rovina e Souza, 2015, p. 8).

Após a Guerra da Independência do Brasil, a situação política e social tornou-se delicada, marcada por conflitos e mudanças significativas. Os lusitanos, portugueses residentes no Brasil, dividiram-se em relação às medidas e regimes adotados pelo país recém Independente. Muitos opuseram-se às transformações pós guerra e optaram por deixar o Brasil, buscando refúgio em Portugal (Tavares, 2005).

No dia 1 de julho de 1823, os lusitanos insatisfeitos e temerosos das mudanças políticas decidiram fugir em navios. Mesmo enfrentando perseguições do esquadrão liderado pelo Marechal Cochrane em Portugal, preferiram regressar ao Brasil e submeter-se ao novo regime político que estava sendo estabelecido. Essa decisão pode ser considerada uma resposta à complexa situação política da época, onde estabilidade e interesses pessoais se entrelaçavam (Coelho, 2019).

No dia 2 de julho, as últimas tropas restantes das forças de Inácio Luís Madeira de Melo, que anteriormente fora nomeado comandante das armas da Bahia, também foram derrotadas. Esse acontecimento marcou um ponto de virada significativo na história da Independência da Bahia e do Brasil como um todo. A data de 2 de julho ganhou um novo significado e tornou-se emblemática, sendo celebrada até hoje como o Dia da Independência da Bahia. Essa data representa a vitória das forças brasileiras sobre os lusitanos que resistiam às mudanças políticas e simboliza a consolidação do processo de Independência na região. O episódio reflete a importância das lutas e batalhas que moldaram a formação da nação brasileira, destacando o papel da Bahia nesse contexto (Tavares, 2005).

Na época em que Maria Quitéria viveu, a participação feminina em atividades militares não era comum e frequentemente era vista com preconceito e desaprovação. Embora tenha sido reconhecida por sua bravura e habilidades militares, Quitéria não foi homenageada como deveria durante sua vida (Gearini, 2020).

Na verdade, após a Guerra da Independência do Brasil, Quitéria retorna a viver em sua cidade natal, Feira de Santana, e levou uma vida relativamente modesta. Sua participação na guerra e seu papel como uma das primeiras mulheres a se alistar no Exército Brasileiro foram amplamente esquecidos e ignorados pela história oficial por muitos anos. Somente no século XX é que o papel de Maria Quitéria na Guerra da Independência começou a ser resgatado e valorizado, resultando em homenagens e reconhecimentos póstumos, como a inclusão de seu nome no Livro de Heróis da Pátria em 2019.

2.7 QUITÉRIA RETORNA AO LAR

Maria Quitéria, manifestou a vontade de ir até o convento de Santa Tereza, em Salvador, na capital, e foi em julho e voltou no dia 17 agosto. Ela chegou em Salvador vestida no uniforme militar, o que resultou em chamar atenção de todos onde ela passava, segundo Reis Júnior até a imprensa se referiu a Maria Quitéria com elogios “heroísmo, tecendo-lhe elogiosas referências²”.

Após a Independência do Brasil, em 1822, o convento foi abandonado e passou por um período de deterioração. Em 1942, foi restaurado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, atualmente, é um dos principais pontos turísticos de Salvador, atraindo milhares de visitantes todos os anos. Além disso, ainda funciona como um convento, onde vivem as religiosas da Ordem das Carmelitas Descalças (Gearini, 2020).

Quitéria, foi muito bem recebida pelos senhores da época, principalmente o imperador que já conhecia seus feitos e sua bravura em serviço militar, diante disso, D. Pedro I, a condecorou com a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, que é uma das mais importantes honrarias do Brasil Imperial, criada por ele em 1822. A ordem foi criada para homenagear cidadãos brasileiros e estrangeiros que tenham prestado relevantes serviços ao país, bem como para reconhecer atos de bravura e mérito militar.

A insígnia é composta por uma estrela de cinco pontas em ouro, com um disco azul ao centro, onde se encontra a imagem da cruz do Cruzeiro do Sul, cercada por ramos de carvalho. Nos espaços entre as pontas da estrela, encontram-se medalhas com a inscrição "BeneMerenti" (ao que se houve bem) e a data de criação da ordem. A fita que acompanha a insígnia é azul-celeste, com bordas em branco e amarelo. A Ordem Imperial do Cruzeiro foi extinta após a proclamação da República em 1889, mas sua insígnia ainda é usada como símbolo de valor e reconhecimento a pessoas que tenham prestado serviços notáveis ao país.

² Diário do Governo, nº 51, sábado, 30 de Agosto de 1823. Apud REIS JÚNIOR, Pereira, p. 56

Figura 2: Condecoração do Centenário de Maria Quitéria de Jesus 1853 – 1953



Fonte: <http://miltonbasile.blogspot.com/2010/10/condecoracao-do-centenario-de-Maria.html>

Após a condecoração, Quitéria foi também promovida a alferes, além de ter ganhado o reconhecimento pelo seu heroísmo, e com o reconhecimento veio também o salário obtido pela nova patente. Embora Quitéria estivesse satisfeita na vida profissional, ainda tinha o peso em seu coração pela desunião com o seu pai, aproveitou a ocasião e pediu a D. Pedro que lhe permitisse enviar uma carta ao seu pai, pedindo que fosse escrita com seu nome e pedindo que lhe perdoasse (Lima, 1977).

Segundo Maria Graham (2021), que era jornalista e presenciou a conversa da heroína do Exército com D. Pedro I, e fez registro desse memorável momento:

Visitou-me hoje dona Maria de Jesus, a moça que ultimamente se distinguiu na guerra do Recôncavo. Seus traços são de um soldado dos batalhões do Imperador, acrescidos de uma espécie de avental curto, de lã, que ela me disse haver copiado de uma gravura representando um highlander (escocês), porque bem se nem adaptava a um traje militar feminino. As feições de Maria, especialmente olhos e testa, apresentam acentuados traços indígenas. Dona Maria narrou-me particularidades relativas ao país e às suas aventuras. Ela é iletrada, mas viva. Tem a inteligência clara e a percepção aguda. Penso que, se a educassem, viria a ser uma personalidade notável. Nada se nota de masculino nos seus modos, antes os possui gentis e amáveis. Não contraiu nenhum hábito grosseiro ou vulgar durante a vida de acampamento, não se apontando nada que lhe desabone a honestidade. Nada notei de peculiar no seu procedimento à mesa, a não ser que come ovos no almoço e peixe no jantar, com farinha e nunca com pão e que fuma um cigarro após cada refeição. No mais muito moderada (Graham, 2021, p. 179).

Pouco tempo após enviar a carta pedindo perdão, Maria Quitéria viajou para a fazenda de seu pai em Serra da Agulha com a esperança de reencontrá-lo. Acreditando que seu pedido seria acolhido, além disso ela renovou seu afeto pelo antigo amor, Gabriel Pereira de Brito, com quem acabou por se casar. Sendo seu segundo casamento, desta vez

com a benção do pai, ganhou seu dote: “cem mil réis de sua legítima e por dote um escravo de nome Antônio, avaliado em cento e vinte e sete mil réis, um cavalo por vinte, uma novilha por cinco e mais um cavalo por trinta, tudo num total de cento e oitenta e dois mil réis” (Reis Júnior, 1953. p. 62).

Do casamento anterior, não tem dados que mostrem se havia nascido filhos de seu primeiro marido, João José, já com Gabriel Pereira, segundo Lima (1977), Quitéria teve uma filha que foi chamada Joana Angélica, nos registros do historiador João Francisco de Lima, já nos registros de Reis Júnior, a filha, se chamava Luiza Maria da Conceição. E como tem pouca história escrita sobre esse fato, não foi possível determinar o real nome da filha de Maria Quitéria para esta pesquisa.

No entanto, o que se sabe e tem consonância sobre a filha de Maria Quitéria é que ela nasceu do casamento com Gabriel Pereira, não sendo possível determinar a data do seu nascimento, visto que não tem escritos. Sabe-se apenas que o nascimento ocorreu após Quitéria deixar o Exército e retornar para Feira de Santana, na Bahia (Santos, 2003).

É importante mencionar que Maria Quitéria não continuou sendo reconhecida, pois pouco é encontrado de sua vida após ter saído do Exército. Pouco se sabe sobre a relação que tinha com sua família ao retornar. É como se seu heroísmo estivesse caído nos mares do esquecimento (Faqui, 2022).

Em agosto de 1835, Quitéria emergiu do anonimato, precisamente em 22 de agosto, para dar início ao processo de inventário dos bens de seu pai, que havia falecido em 25 de outubro de 1834. Em 21 de maio de 1841, foi possível registrar eventos relacionados a um leve progresso que o processo conseguiu alcançar. No mesmo ano, em dezembro, o meio irmão de Quitéria, Manuel José de Almeida, filho da terceira esposa de seu pai, Maria Rosa, solicitou que fosse incluído no processo como legítimo herdeiro, resultando no retorno do processo ao seu estágio inicial e na perda de todo o progresso e partilhas previamente estabelecidas (Coelho, 2019).

Diante da inclusão do irmão, Quitéria optou por desistir do processo em 1843. No entanto, a desistência de Quitéria não interrompeu o processo. Devido à demora em resolver o caso do inventário de seu pai, Quitéria abandonou o assunto e partiu para Salvador com sua filha, sustentando-se com o salário de alferes (Faqui, 2022).

Conforme os registros de Santos (2003), Maria Quitéria de Jesus faleceu em 28 de agosto de 1853, aos cinquenta e seis anos de idade. O óbito de Maria Quitéria resultou de

uma grave inflamação no fígado, uma condição que, naquela época, poderia ser fatal devido à carência de avanços médicos e tratamentos adequados.

3. A RECEPÇÃO DE MARIA QUITÉRIA ATRAVÉS DOS JORNAIS

No segundo capítulo desta pesquisa, o foco recai na representação de Maria Quitéria em 1823, especialmente por meio dos jornais daquela época. O objetivo deste capítulo é analisar o tratamento dado à imagem dela na imprensa após a revelação de sua identidade e participação nos levantes. A intenção é compreender se sua presença foi retratada de maneira positiva ou negativa pela mídia daquele período. É importante ressaltar que não foram encontrados registros nas imprensas brasileiras de mulheres envolvidas em atividades militares antes de 1823. Portanto, é crucial examinar como esses jornais disseminaram a história de Maria Quitéria. Surge assim a indagação: seria ela considerada uma heroína da Independência ou uma mulher desobediente que desafiava as normas sociais?

3.1 QUITÉRIA NO JORNAL (1823)

Em 1821, D. João VI declarou o fim da censura prévia antes de deixar o país. Segundo Souza (1936), a censura não foi totalmente extinta, mas após o decreto as impressões passaram a ser analisadas pelo censor já impressas, diferentemente de antes, quando ocorriam nos seus originais e só depois seguiam para a impressão. A imprensa do período era política e panfletária, e o modo como se desenvolveu não poderia ter sido outro: "era profundamente ideológica, militante e panfletária. Seu objetivo, antes mesmo de informar, era tomar posição, visando a mobilização dos leitores para as diferentes causas. A imprensa, um dos principais instrumentos da luta política, era essencialmente de opinião" (Ribeiro, 2007, p. 2).

Desta forma, dentre as fontes analisadas, torna-se possível elencar o periódico: Império do Brasil Diário do Governo, publicado em 1823 na Província do Ceará; Luz Brasileira, da cidade do Rio de Janeiro, publicado em 1829; Sentinela da Liberdade a Beira-Mar da Praia Grande, também da cidade do Rio de Janeiro, publicado em 1823 e Astro de Minas, pertencente à Província de Minas Gerais, publicado em 1829 (Andrade, 2021).

Sobre o periódico Império do Brasil Diário do Governo, teve sua primeira publicação em 1 de abril de 1823, sendo o primeiro jornal da Província, e foi Manoel de Carvalho Paes de Andrade de Pernambuco que remeteu o material tipográfico necessário

à publicação. Sua publicação ocorria duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados. Já o periódico, Luz Brasileira, teve sua primeira publicação em 1829. De acordo com Brasil (2015, p. 15): "foi um dos periódicos da chamada 'esquerda liberal' que circularam na corte e em várias capitais provinciais durante o Primeiro Reinado e o Período Regencial. Teve vida curta, como a maioria dos pasquins da época, mas circulou no período mais agitado do Primeiro Reinado". O periódico, Sentinela da Liberdade a Beira-Mar da Praia Grande, também do Rio de Janeiro, teve sua primeira publicação em 1823. O jornal dos irmãos pertencia aos Menezes de Drummond, era inspirado por José Bonifácio. Teve 32 números publicados, após os quais o jornal foi suspenso e os Drummonds foram presos. Seu redator era Cypriano Barata de Almeida. O jornal Astro de Minas, surgiu em São João del-Rei, em novembro de 1827, e foi o segundo periódico a circular em Minas. Segundo Veiga (1898), o periódico seguia a linha liberal moderada, contudo era a favor da escravidão e fazia críticas a periódicos abolicionistas da época.

Os periódicos mencionados foram utilizados como fonte após consulta à Hemeroteca Digital no site da Biblioteca Nacional, um repositório abrangente de jornais, revistas e panfletos nacionais que abrangem diversas épocas históricas do Brasil.

No periódico Império do Brasil Diário do Governo de 1823, na página 254, é possível encontrar um artigo sobre Maria Quitéria no canto inferior direito, compartilhando espaço com notícias relacionadas à repartição dos assuntos da marinha. Nessa publicação, Maria Quitéria é enaltecida como uma heroína. A notícia informa ao leitor que, "ao ouvir o chamado da pátria em perigo, deixou seus pais, ingressou no Exército como soldado e empunhou armas em defesa do país". Além disso, são destacadas a coragem dela, suas realizações junto ao Exército e sua promoção ao posto de 1º cadete do batalhão dos periquitos.

Figura 3: Império do Brasil Diário do Governo (1823). p. 254, nº2.

B A H I A.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — D. Maria Quitéria de Jesus, natural da Freguezia de S. José das Itaporocas desta Provincia, ao grito da Patria em perigo, desamparou seus Paes, assentou praça de Soldado, e pegou em armas para sua defeza: Esta mulher tem-se distinguido em toda a campanha com indisivel valor, e intrepidez. Trez vezes que entrou em combate appresentou feitos de grande heroismo, avançando de uma, por dentro de um rio com agoa até aos peitos, sobre uma barca, que batia renhidamente nossa Tropa. O General Labatut conferio-lhe as honras de 1.^o Cadete, e como tal tem sido considerada no Batalhão N.º 3 do Exercito Pacificador. Como porém me patenteasse ardentes dezejos de beijar a Imperial Mão de S. M. facultei-lhe licença, e parte nesta occasião para essa Corte.

Se a exposição que acabo de fazer ácerca desta heroína merecer alguma consideração dignese V. Ex. leval-a ao conhecimento do mesmo Augusto Senhor.

Deos Guarde a V. Ex. Quartel General da Bahia 24 de Julho de 1823, 2.^o da Independencia, e do Imperio.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. João Vieira de Carvalho. — José Joaquim de Lima e Silva, Comandante em Chefe do Exercito Pacificador.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

No periódico subsequente, intitulado, Sentinela da Liberdade a Beira-Mar da Praia Grande, de 1823, página 59, número 15, também publicado no Rio de Janeiro em 1823, observa-se uma exaltação significativamente maior à figura de Maria Quitéria em comparação ao jornal anterior.

Figura 4: Sentinela da Liberdade a Beira-Mar da Praia Grande (1823) p. 59, nº15.

(59

Rainha; não como aquellas, dividindo o mundo em duas ametades, e aleijando, ou matando, contra todos os sentimentos da natureza, toda a sua masculina descencia: segundo lugar, porque não são só no Brasil as Sras. da Parahiba as quaes se distinguem pelas marciaes virtudes, e seus heroicos disveltos. Se não tivéssemos a Bahiana Sra. D. Maria Quitéria de Jesus Medeiros, feita agora Capitão do Batalhão do Imperador, que, nova Clorinda, mostrou ao argante Madeira, quão grande he o valor do sexo *femineo-Brasileiro*, e quão maior he a injustiça, que por costume os homens se lhe fazem em crê-lo, e tê-lo por inferior a si, poderíamos acreditar, que aquellas Provincias só, que são regadas pelas aguas daquelle rio tivessem a privativa de produzirem semelhantes Paladinas; mas agora já não he concedido o duvidar se tão bellos, e raros dotes sejão indignos do paiz, e coherentes ás suas Senhoras. At-

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Através desse trecho do jornal, é possível perceber que a figura de Maria Quitéria é empregada como um meio de criticar a ausência das mulheres nas batalhas, especialmente questionando o estereótipo arraigado de fragilidade e inferioridade. A passagem "[...], e quão maior he a injustiça, que por costume os homens se lhe fazem em crê-lo, e tê-lo por inferior a si".

Figura 5: Luz Brasileira (1829)

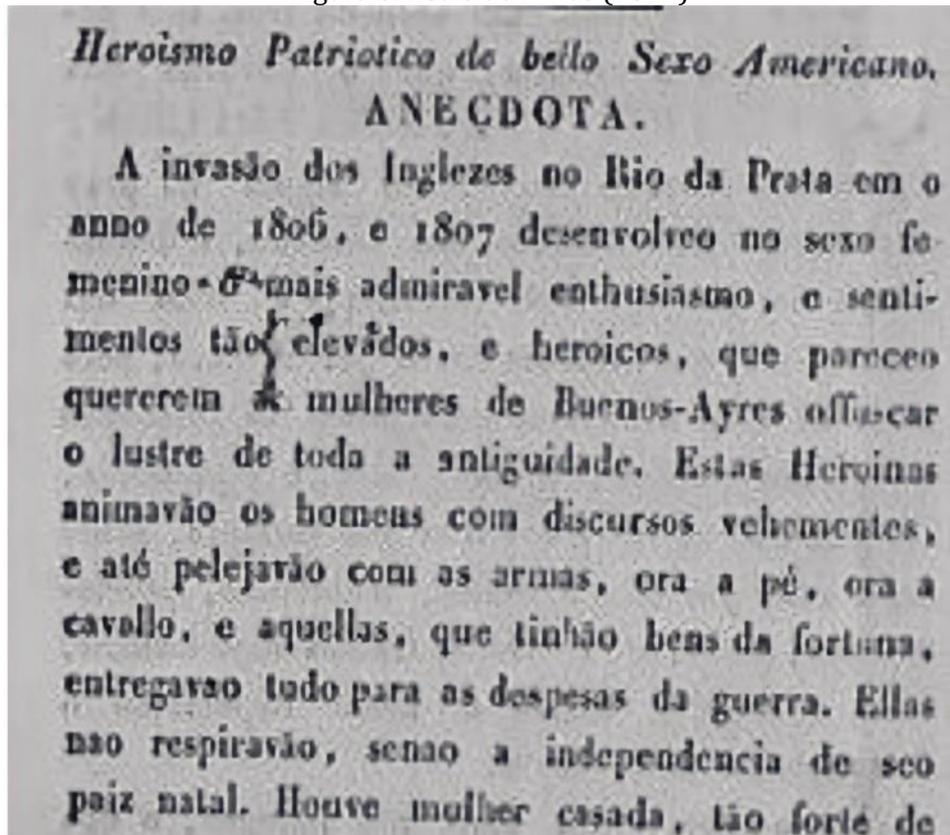
rem gloria, para si. Com tudo além de muitos lances espantosos, ainda hoje conservamos a Illustre D. Maria Quitéria de Jesus, natural da Bahia, que em trajos de soldado fez muitos serviços militares em 1823, o combateo à pé firme nos dous assaltos, e desembarques, que mandou fazer o general Portuguez, o Madeira, na ilha de Itaparica. Pelo que recbeo a quella Heroína em premio o posto de Alferes, conferido pelo Nosso Imperador Constitucional. Eu seria infinito, se emprehendesse referir miudamente os lances de coragem, e magnanimidade das nossas Brasileiras, e Portenhas, no que diz respeito ao Patriotismo. Oh! Sexo encantador! Sabei que a vossa partilha não he so a das graças, e dos encantos!... A' Vos tambem pertence o heroismo, e a gloria! Sustentai valerosamente a nossa Constituição; combatei o *governo absoluto*, e o *dispotismo*; derrotai os *servis*, e *traidores*; pois a Liberdade, e a Patria tambem são vossas!... A mulher casada obedece a seo marido; mas se este he *escravo* brutal de hum *governo despotico*, a mulher vem a obedecer a hum *escravo bruto*, que a maltratá certamente: a mulher de hum Cidadão Constitucional livre he livre, e honrada, como elle. Viva pois a nossa Constituição, e morra o *infame governo absoluto*, e quem o deseja.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

No ponto em que o nome de Maria Quitéria é evocado, ela é lembrada por suas realizações em campo de batalha, sendo assim descrita: "[...] trajada como um soldado, executou inúmeros serviços militares em 1823, enfrentando com bravura dois assaltos e desembarques ordenados pelo general português, o Madeira, na ilha de Itaparica." As palavras "coragem", "heroína" e "magnanimidade" voltam a ser associadas a ela no texto publicado.

No trecho a seguir, Maria Quitéria é mencionada dentro de uma anedota intitulada "Heroísmo Patriótico do Belo Sexo Americano". Na narrativa, o autor explora a força das heroínas das Américas, descrevendo diversas formas pelas quais as mulheres contribuem para a independência de um país, seja por meio de discursos fervorosos direcionados aos homens ou empunhando armas com determinação.

Figura 6: Astro de Minas (1829)



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Ao concluir a análise deste periódico, é notável que não apenas nos exemplos fornecidos como fontes para o estudo, mas também em outros periódicos consultados ao longo da pesquisa, Maria Quitéria é consistentemente retratada por suas façanhas militares. Quitéria não é apresentada como a Mulher Maria Quitéria de Jesus, mas sim como Soldado Maria Quitéria.

Nesse sentido, é possível perceber que a forma como a imprensa daquela época abordava as ações de Maria Quitéria reflete os conceitos discutidos por Chartier sobre representação. Isso significa que a maneira como os acontecimentos sociais da época eram interpretados e transmitidos estava intrinsecamente ligada ao contexto social e cultural do momento. Para o autor:

[...] o conceito de representação é a de variabilidade e da pluralidade de compreensões (ou incompreensões) do mundo social e natural. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe [...] a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (Chartier, 1990, p. 21).

Em contrapartida, Chartier cita Bourdieu, argumentando que (1979):

A representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu ser-percebido quanto por seu ser, por seu consumo – que não precisa ser ostentador para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela).³

Portanto, podemos refletir que Quitéria foi representada na imprensa através de seus feitos. Não era apenas a mulher Maria Quitéria de Jesus, mas a representação das suas práticas.

³ BOURDIEU, La distinction. Critique sociale du jugement. 1979. Apud. CHARTIER, 1990, p. 22. As ênfases são do original.

4. REMEMORAÇÃO DE MARIA QUITÉRIA NO EXÉRCITO (1953)

Maria Quitéria foi relativamente esquecida por um período de tempo após seus feitos, e acabou falecendo de forma anônima. Esse anonimato persistiu até 1953, quando o Exército Brasileiro decidiu prestar homenagem à heroína baiana.

Para entender por que os feitos de Maria Quitéria só foram lembrados cem anos após sua morte, é crucial compreender a motivação do Exército. Para isso, é essencial entender o contexto em que a homenagem ocorreu, bem como a mensagem que o Exército queria transmitir tanto aos soldados quanto à sociedade ao escolher Maria Quitéria como homenageada. Este capítulo busca principalmente analisar os motivos que levaram o Exército a selecionar Quitéria como um de seus patronos. Além disso, buscaremos compreender a percepção dos atos dela durante a Independência, examinando como eles eram vistos um século após o evento.

4.1 O GOVERNO VARGAS E O EXÉRCITO

Em 1922, o Brasil celebrava o centenário de sua independência, após se libertar do domínio português. Embora a República tivesse sido proclamada em 1889, esse período não proporcionou a segurança e as mudanças ansiadas pelos brasileiros, que já estavam sendo influenciados pelas transformações políticas do final do século XIX. É possível concluir que a Primeira República não conseguiu cumprir as promessas feitas em relação à construção da identidade brasileira durante esse curto intervalo de tempo (Motta, 1992).

E de acordo com Motta (1992):

O início da década de 1920 foi fértil em balanços e avaliações dos cem anos da nação independente (...) frente ao desafio do momento histórico – a comemoração do Centenário da Independência – formou-se a geração intelectual dos 20, comprometida com a tarefa de criar a nação, forjar identidade nacional e construir o Brasil moderno (Motta, 1992, p. 18).

Além disso, durante a Revolução de 1930, o Exército estava debatendo três caminhos a seguir:

Uma ala mais conservadora, defensora do ideal 'soldado profissional', ou seja, o militar devotado ao Exército brasileiro; os tenentistas mais radicais que defendiam o 'soldado fardado', que nada mais era do que o entendimento de que o soldado é um cidadão fardado, portanto, deveria participar da política nacional; e por fim, um setor mais moderado dos tenentes de Exército, que enxergava a participação política dos militares, numa unidade homogênea, como algo positivo, entendo assim que a organização deveria sim ser atuante, mas somente expondo a ideia da unidade Exército, evitando as cisões e as quebras hierárquicas (Coelho, 2019, p. 37-38).

Dessa forma, foi a ala mais moderada que liderou a Revolução de 1930, buscando estabelecer um grupo mais coeso. No entanto, é crucial destacar, conforme apontado por Coelho (2019), que a aspiração por essa coesão era utópica, uma vez que o Exército frequentemente se encontrava dividido em momentos cruciais, com diferentes grupos políticos apoiados por distintos setores militares. A ala moderada do Exército não se opunha às mudanças, ao contrário dos grupos conservadores, mas também não respaldava a ruptura da estrutura hierárquica militar que tais mudanças implicavam. Em 1932, ocorreu uma nova reestruturação no Exército.

Após a Revolução, o Exército que emergiu enfrentou desafios significativos para manter sua coesão, como indicado por Coelho (2019, p. 39), que descreveu a organização como "fragmentada e com dificuldades para sobreviver em meio ao ambiente quase caótico que se instaurou". A tarefa de resolver as disputas internas no Exército, sejam elas entre oficiais e praças ou entre grupos com diferentes níveis de envolvimento político, foi confiada a Goés Monteiro⁴, que assumiu como Ministro da Guerra. A principal questão que Goés teve que abordar estava relacionada à concepção de que "sendo o Exército essencialmente um instrumento político, a consciência coletiva deveria se concentrar na política do Exército, não na política dentro do Exército" (Carvalho, 1990, p. 42). O desafio consistia em estabelecer a direção política do Exército em vez de permitir disputas políticas internas.

⁴ Pedro Aurélio de Góis Monteiro, nascido em 1889 em Alagoas, teve uma carreira militar notável. Ele desempenhou papéis importantes, incluindo chefe do Estado-Maior no combate à Coluna Prestes, participação no Movimento Revolucionário de 1930 e cargos como ministro da Guerra. Em 1945, liderou as Forças Armadas no deposto do presidente Vargas. Após o retorno de Vargas à Presidência, Góis Monteiro assumiu a chefia geral do Estado-Maior das Forças Armadas em 1951. Sua trajetória teve um impacto significativo na política militar brasileira. Fonte: GÓES Monteiro. Arquivo Nacional, 2019. Disponível em: https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/goes-monteiro;isad?sf_culture=nl . Acesso em: 2 set. 2023.

Para Góis Monteiro, as políticas do Exército deveriam representar o coletivo militar, não apenas interesses individuais. Ele acreditava que as disputas internas deveriam ser superadas para fortalecer o Exército como um influente ator político. O relacionamento entre as Forças Armadas e Getúlio Vargas passou por três fases distintas: a primeira, denominada "Namoro" (1930-37); a segunda, "Lua de mel" (1937-45); e a terceira, caracterizada como "O divórcio" (1945-64).⁵

A primeira fase do relacionamento de Vargas com as forças armadas foi assim, algo turbulenta. Goés e seus aliados contaram com Vargas para promover expurgos e reformas. O presidente pode contar com suas chefes militares nos momentos difíceis com a revolta paulista de 1932, a eleição de 1934, as revoltas de 1935, o golpe de 1937. Ao longo do processo, não só se consolidaram as forças armadas como novo ator, como se redefinira seu papel político (Carvalho, 1990, p. 109).

Na segunda fase, ocorreu a criação do Estado Novo, que fortaleceu as Forças Armadas e enfraqueceu as oligarquias. O novo regime tinha como objetivo central a ênfase na defesa interna e externa, o fortalecimento das Forças Armadas, o desenvolvimento econômico e a promoção das indústrias de base, além do estímulo à exportação. A participação militar nesse novo regime foi facilitada, pois muitos militares ocupavam cargos na administração civil e estavam envolvidos em comissões técnicas e órgãos de formulação de políticas. Como resultado, o Estado Novo consolidou o modelo concebido por Goés Monteiro, eliminando a política partidária na sociedade e permitindo aos líderes da facção militar hegemônica fazer o mesmo nas Forças Armadas. (Carvalho, 1990)

Com essa evolução, Vargas e as Forças Armadas detinham uma influência significativa, consolidando os militares como atores políticos de destaque. Esse período pode ser caracterizado como uma "modernização conservadora". No final do Estado Novo, Vargas começou a reformular sua perspectiva em relação à classe trabalhadora, passando a enxergá-la como um novo grupo de apoio ao seu governo, o que levou a um aumento dos investimentos nesse segmento.

No entanto, os militares não viam isso com bons olhos, "[...] a política de massas implementada por Vargas era, na visão dos militares, algo muito arriscado, devido à aproximação com o comunismo" (CARLONI, 2007, p. 35). Devido à sua postura anticomunista, surgiu uma ruptura entre o Estado e as Forças Armadas quando uma das

⁵ Essas fases são nomeadas e descritas no livro "Forças Armadas e Políticas no Brasil", nas páginas 103 a 116.

propostas de Vargas recebeu o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Isso levou Vargas a buscar novos grupos de apoio político, construindo cuidadosamente "a imagem de 'pai dos pobres' e amigo dos operários" (Carvalho, 1990, p. 111).

No entanto, o Exército, temendo que Vargas se mantivesse no poder com o apoio da classe trabalhadora, interveio no processo eleitoral de 1945, resultando no impedimento de Vargas de continuar como presidente. O fim do primeiro governo de Vargas marcou também o fim da aliança entre ele e as Forças Armadas.

O Exército que emergiu desse momento de conturbação política era diferente daquele que aplicou o golpe em 1930. Mais forte e estruturado, o exército passou a ser um protagonista de peso no cenário político brasileiro. Uma instituição com força, que se coloca a frente das situações e passa a ter uma voz imponente nas decisões (Coelho, 2019, p. 46).

Durante o segundo governo de Getúlio Vargas, que foi de 1951 a 1954, o Exército brasileiro teve um papel proeminente na esfera política do país. Esse período, que se estende desde a saída de Vargas em 1945 até o golpe militar em 1964, é notado como uma fase de considerável engajamento político por parte dos militares (Peixoto, 1980).

A organização militar, que já atuava como Goés desejava, como uma unidade coesa, voltou à arena política quando Vargas se candidatou novamente em 1950, reacendendo as discussões internas. No mesmo ano, ocorreu a eleição para a diretoria do Clube Militar⁶, e Estillac Leal, um simpatizante de Vargas, saiu vitorioso. Vargas, ao ser eleito, nomeou Leal como seu ministro da guerra. Poderíamos supor que a vitória de Vargas e Leal encerraria as disputas dentro do Clube, mas, infelizmente, a chapa derrotada intensificou sua oposição. Quando Vargas assumiu a presidência, aqueles contrários à sua permanência utilizaram as experiências do Estado Novo como base para suas críticas (Lamarão, 2015).

Deve-se observar que Vargas, durante a campanha, reorientou o seu discurso em relação ao papel que caberia a iniciativa privada no processo de desenvolvimento do país, pois, se agora o investimento privado era concebido como estímulo positivo, durante o primeiro governo (1930-1945), o interesse privado era visto como manifestação de interesse egoísticos, individualistas, que não se solidarizavam como as causas Nação Brasileira e, enfim, representavam o pensamento reacionário, porque desempregado e particularista (Gayo, 2020, p. 48).

⁶ O Clube Militar foi fundado nos últimos anos do Império, durante o movimento abolicionista e republicano no Brasil, após a eclosão da chamada "questão militar", que envolveu oficiais do Exército em oposição ao governo Imperial.

O Exército também começou a se dividir entre os nacionalistas mais radicais e os moderados, sendo que a ala radical expressou total insatisfação com a direção que o governo de Vargas e Leal estavam tomando. Na visão deles, Estillac estava sendo influenciado pelo comunismo. A pressão sobre Leal continuou a aumentar, a ponto dele se retirar do Ministério da Guerra em 1952. Além disso, nesse mesmo ano, ocorreu uma nova eleição para o Clube Militar, na qual Estillac tentou a reeleição, mas acabou derrotado pelos internacionalistas, representados pelos generais Etchegoyen e Nelson de Melo. "[...] a partir da saída de Estillac Leal, a política nacionalista de Vargas sofreu uma grande derrota. O biênio de 1953 e 1954 apresentou grandes desafios para a ala nacionalista da política brasileira" (Coelho, 2019, p. 62). Os conservadores recuaram apenas quando Vargas se suicidou em 1954, perdendo parte do poder e prestígio adquiridos após inúmeros ataques ao nacionalismo e a Vargas.

4.2 O PROCESSO DE ESCOLHA DA HOMENAGEADA EM 1953

O culto aos heróis, que envolvido nesse objetivo, se mostra de extrema importância. Como mostra Carvalho (1990):

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos (Carvalho, 1990, p. 55).

No entanto, tornar-se um herói não se resume a uma mera declaração. Para que um personagem alcance tal status, é necessário não apenas ter uma narrativa que justifique essa ascensão, mas também ser capaz de se identificar com diversos grupos que possuam ideias muitas vezes divergentes, algumas até opostas, e suas respectivas ideologias. Além disso, é essencial que o personagem tenha uma narrativa coesa e alinhada ao contexto em que está inserido, conforme afirma Carvalho (1990, p. 55): “heróis que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado”.

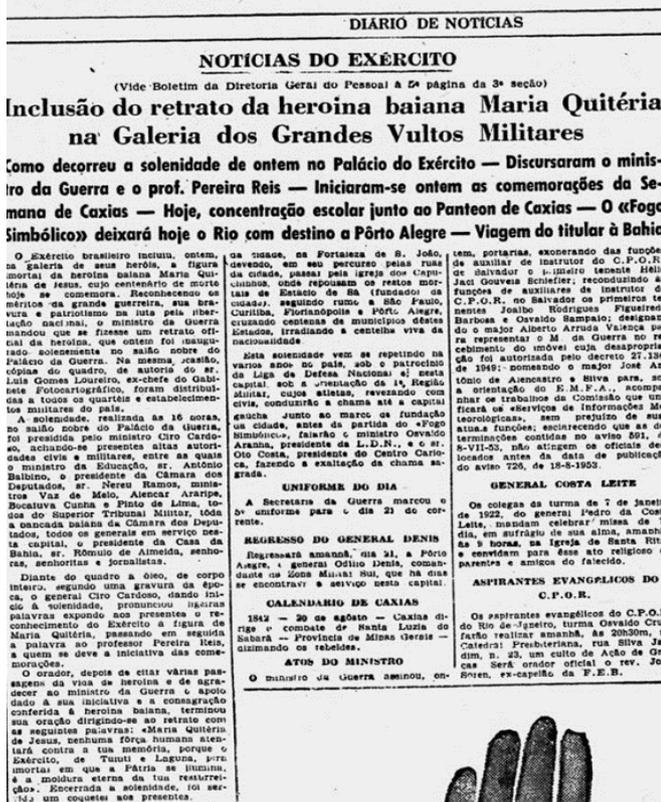
Dessa forma, as atribuições à Quitéria transcendem a imagem de um soldado. Ela vai sendo concebida por Pereira Reis Júnior e pelo Capitão Jonas Neto em 1953, como uma heroína. Campbell (1997, p. 20) disserta que “toda a vida do herói é apresentada como

uma grandiosa sucessão de prodígios, da qual a grande aventura central é o ponto culminante”. O que os biógrafos fazem ao relatar todas as façanhas de Quitéria é justamente essa destacam principalmente as dificuldades que ela passou, transformando seus feitos ainda mais dignos.

Até o momento, podemos observar que a história do Exército Brasileiro foi marcada por turbulências, especialmente no que diz respeito às idealizações em relação aos seus soldados, a busca pela homogeneidade e o trabalho conjunto em prol da pátria. O ano de 1953 não foi uma exceção, com a demissão de Estillac Leal, um representante da ala nacionalista, e a nomeação de Ciro do Espírito Santo Cardoso, um internacionalista, para a pasta do Ministério da Guerra, o que teve um impacto significativo no governo de Vargas.

Desse modo, foi nesse mesmo ano que o Exército Brasileiro realizou diversas homenagens em memória a Maria Quitéria. Em 21 de agosto, celebrando os cem anos de sua morte. Vale ressaltar que a iniciativa de lembrar a heroína não partiu do Exército, mas sim do escritor Pereira Reis Junior, autor do livro lançado em 1953 que recontava a vida e os feitos de Maria Quitéria. Como mencionado no jornal Diário de Notícias, publicado em 20 de agosto:

Figura 7: Diário de Notícias (20 de agosto de 1953)



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Jornal

No terceiro parágrafo da primeira coluna, é mencionado que o General Ciro Cardoso deu início à solenidade, proferindo breves palavras para expressar o reconhecimento do Exército à figura de Maria Quitéria. Posteriormente, a palavra foi passada ao Professor Pereira Reis, que foi o responsável pela iniciativa das comemorações. O orador, após citar diversas passagens da vida da heroína, agradeceu ao Ministro da Guerra pelo apoio dado à sua iniciativa.

É importante notar que o vínculo do autor com Maria Quitéria remonta a um período anterior ao interesse do Exército em homenageá-la. Em 1949, o Ministério da Educação e Cultura aprovou o livro de Pereira Reis Junior, que estava datado neste edital de 1947, como uma possível opção para uso didático (Coelho, 2019).

Além da solenidade realizada em comemoração ao seu centenário, o Clube Militar, um local central para debates relacionados à ideologia do Exército, publicou em sua revista de agosto assinado pelo Capitão Jonas Neto, a história de Maria Quitéria que foi apresentada com ênfase em seus feitos na batalha da Independência. Além disso, o Presidente Vargas decretou um crédito⁷ especial para o estado da Bahia com o objetivo de financiar a construção de um monumento em homenagem ao centenário da morte de Quitéria (Faqui, 2022).

Figura 8: Monumento de Maria Quitéria



Fonte: <http://www.famososquepartiram.com/2011/08/maria-quiteria.html>

⁷ Abre, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de Cr\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros) para o levantamento, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, de um monumento comemorativo do primeiro centenário da morte da heroína brasileira Maria Quitéria de Jesus. Fonte: Decreto Nº 32.999, de dez de junho de 1953. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-32999-10-junho-1953337653-norma-pe.html> . Acesso em 04 de set. de 2023.

Podemos perceber que, em 1953 e no início de 1954, a figura heroica de Maria Quitéria ocupou um lugar de destaque significativo na sociedade da época. Como destacado por Coelho (2019), apesar do Exército não ter tomado a iniciativa, como evidenciado na questão da solenidade, o fato dessa instituição ter se unido, incentivado e até mesmo patrocinado tais celebrações não deve ser visto como algo casual, mas sim como um plano cuidadosamente elaborado, tanto pelo Exército quanto por Vargas.

[...], o Exército transformou Maria Quitéria em um mito. Um mito que foi criado como forma de tentar promover a união entre civis e militares – num momento de crise e disputas, ou seja, a falta de unidade tão defendida pelo espírito militar - e desenvolver valores como o nacionalismo e o patriotismo, que deveriam ser estendidos às tropas e aos civis (Coelho, 2019, p. 80).

Para o Exército, enaltecer Quitéria, seus feitos e heroísmo, mostraria tanto interna quanto externamente as ideias dessa instituição e o que eles desejavam que o Exército representasse, seguindo o modelo de Goés Monteiro: uma instituição homogênea, unida e coesa. Já para Vargas, essa homenagem serviu como uma maneira de reestabelecer laços com o Exército, transformando-a em um ato político (Faqui, 2022).

Em um período de intensas disputas políticas internas, uma cerimônia como essa, com a presença de civis e militares de alta patente do Exército, teve o poder momentâneo de unir vários grupos em oposição. Dado que uma das principais críticas ao nacionalismo em relação a Vargas era sua constante tentativa de alinhar demandas de grupos opostos, a escolha de homenagear Quitéria, que representava o patriotismo dos nacionalistas e cujo ato heroico não podia ser ignorado pelos internacionalistas, conseguiu, de fato, conciliar interesses divergentes (Coelho, 2019).

Desse modo, como Coelho (2019, p. 86) descreve: "além disso, era crucial que a figura de Quitéria causasse impacto tanto na tropa, representando as ideias a serem seguidas, quanto para a sociedade civil e o Estado". A representação de Quitéria pelos biógrafos, como Pereira Reis Junior e Jonas Neto, assim como nos jornais Diário de Notícias e Correio da Manhã, enfatizou consistentemente seu amor pela pátria e seu patriotismo.

Figura 9: Diário de Notícias (21 de agosto de 1953)



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A matéria publicada no jornal apresenta a história de vida de Quitéria de forma notável, destacando o impulso interior e o amor pelo povo brasileiro como motivações centrais em seu serviço à pátria. Quitéria é retratada como um exemplo de patriotismo e abnegação, algo que o Exército deseja instilar em suas tropas e na sociedade em geral, tanto que a frase final da matéria é: “[...] manter acesso em nosso peito o grande amor ao

Brasil que iluminou a vida de Maria Quitéria”. A intenção consiste em inspirar o mesmo amor à pátria que iluminou a vida de Maria Quitéria. Essa visão da heroína reflete o ideal que o Exército busca promover e o impacto desejado de sua história, conforme observado pela pesquisadora Cristina Wolff.

Com alguma frequência, conforme as exigências do momento, o fato de uma mulher aventurar-se a portar armas e lutar em uma rebelião não é mal recebido, pelo contrário, é usado como incentivo aos homens para fazer o mesmo: se até uma mulher é capaz de tamanha impavidez, como ficam os homens reticentes? [...], a figura de Maria Quitéria foi explorada pelas autoridades como uma maneira de atrair voluntários: uma mulher disposta a morrer pelo Brasil incentiva os ‘filhos da pátria’ a também demonstrarem bravura (Wolff, 2012, p. 425).

A autora destaca não apenas o patriotismo de Quitéria, mas também como serve de exemplo inspirador para os homens da época. Em uma sociedade em que era raro ver mulheres em áreas consideradas masculinas, a complexidade de homenagear Quitéria é notável. Maria Quitéria desafiou as normas estabelecidas em nome da nação, arriscou sua vida pelo amor à pátria e, mesmo após ser condecorada por Dom Pedro, retornou às suas responsabilidades como mulher, voltando ao lar para desempenhar seu papel de mãe e esposa. A figura de Quitéria e seus feitos personificam de maneira excepcional os valores defendidos pelo Exército.

Outro ponto relevante a ser destacado é a comparação entre as realizações de Maria Quitéria e Duque de Caxias. Enquanto a maioria dos heróis do Exército, em sua maioria homens, tem suas proezas em batalhas como única justificativa para seu heroísmo, a história de Maria Quitéria difere significativamente desse padrão. “[...] a história de Quitéria, somente, não possui o mesmo significado, até o seu desempenho é conectado a Caxias. Uma de suas alcunhas é, inclusive, a de que Quitéria é ‘Caxias de saia’ (Coelho, 2019, p. 123).

Esse tipo de comparação evidencia as dificuldades do Exército em superar o conservadorismo em que foi fundamentado. Ao associar Maria Quitéria a Duque de Caxias, isso demonstra que, mesmo com seu notório patriotismo, bravura, habilidades e heroísmo frequentemente mencionados, seu reconhecimento como patrona do Exército só é validado quando equiparada aos feitos de um homem.

Portanto, “para o Exército, Quitéria representa a forma como um soldado deveria ser, assim como descreve o que aquela instituição espera das mulheres na sociedade

brasileira" (COELHO, 2019, p.127). O Exército utiliza a figura de Maria Quitéria para inspirar os cidadãos a serem soldados e cidadãos dedicados à pátria, dispostos a sacrificar tudo por seu amor à nação, inclusive a própria vida. Ao mesmo tempo, enfatiza a ideia de que as mulheres, se necessário, podem lutar pela pátria sem deixar de desempenhar seus papéis tradicionais como mães, esposas e donas de casa (Faqui, 2022).

5. MARIA QUITÉRIA NO SÉCULO XXI

Até o presente momento, temos observado como a figura de Maria Quitéria foi destacada tanto em sua época, 1823, quanto no centenário de sua morte em 1953. Quitéria foi consistentemente elogiada por suas proezas em batalha, sendo venerada como uma heroína que personificava coragem e abnegação em prol da pátria. Em ambos os períodos históricos, seu patriotismo ardente e seus sacrifícios em nome da nação serviram como alicerce para inspirar o povo brasileiro. Como vemos neste trecho retirado do jornal Diário de Notícias em agosto de 1953:

[...] aqueles que amam verdadeiramente o nosso Brasil, seu acendido patriotismo e sua impávida bravura de mulher-soldado servem para conclamar todos os brasileiros de hoje de compreender que patriotismo é o cumprimento do dever na paz e na guerra, e, mais do que isso, é abnegação pelos interesses da pátria, levada até o sacrifício da própria vida (Diário de Notícias, 21 de agosto de 1953, figura 9).

No entanto, o objetivo deste quinto e último capítulo desta pesquisa é analisar como a figura de Maria Quitéria é percebida nos dias atuais. Como é que as pessoas a enxergam agora, numa sociedade onde as mulheres têm suas vozes mais ouvidas, onde a luta pelos direitos é uma realidade, além da busca por reconhecer o esforço das mulheres que vieram antes de nós.

5.1 HISTÓRIA DAS MULHERES

Para que serve a história das mulheres? E a resposta virá, simples, como bem resumiu Mary Del Priore (1997, p. 09): "para fazê-las existir, viver e ser". Além disso, e não menos importante, escrever a história das mulheres, reconhecer sua historicidade "orientar-se em meio à mudança que experimenta em seu mundo e em si mesmo", como defende Rösen (2001, p. 11).

A história das mulheres desempenha um papel fundamental ao dar voz e visibilidade às experiências femininas, permitindo que as mulheres existam, vivam e se afirmem como sujeitos históricos. Além disso, ao escrever a história das mulheres,

estamos reconhecendo a importância de compreender sua historicidade e como elas se situam em um mundo em constante transformação.

A incorporação das mulheres nas narrativas históricas é uma conquista recente e surgiu em resposta a questionamentos sobre os padrões tradicionais da disciplina História, especialmente após os movimentos de crítica à ciência e à cultura pós-guerra, incluindo os movimentos feministas. No entanto, as mulheres ainda foram frequentemente relegadas ao papel de "outro" ou "diferente", mantendo-se em um domínio próprio. Essa inclusão ganhou destaque durante as décadas de 1960 e 1970, inicialmente nos Estados Unidos e depois na Europa e no Brasil. Isso coincidiu com os movimentos pela Anistia e pelas Diretas Já, agendas compartilhadas pelas feministas brasileiras (Muniz, 2015).

Atualmente, figuras históricas como Maria Quitéria inspiram mulheres e meninas a desafiar normas sociais e ocupar espaços que antes lhes eram negados.

— É uma figura feminina forte. Ela mostra que a busca das mulheres por ocupar espaços é antiga. Maria Quitéria teve que se disfarçar de homem para lutar pelo que queria. É a Mulan brasileira — diz Luiza Penha Morato, de 16 anos, uma das administradoras do coletivo.

— Ela não queria fazer bordado, culinária, estudar economia doméstica. Cresceu solta, andava a cavalo, dominava tiro, era uma mulher esperta e inconformada — conta Patrícia Valim.

— Não se ensina muito sobre a história dela nas escolas. Então o coletivo é também uma maneira de contar como tudo começou e manter a memória dela viva — diz a aluna Victória Madia, de 17 anos. (Martins, 2022, p. 3).

Seu legado perdura em ruas nomeadas, como a que existe em Ipanema, no Rio de Janeiro, instituições de ensino, como o Colégio Maria Quitéria Cívico-Militar em Itapuã, Salvador (BA), e até mesmo em produtos como a cerveja artesanal Titobier Quitéria Bohemian Pilsner.

Com explica um dos criadores da Titobier e hoje proprietário da cervejaria, Antonio Bicarato, a ideia com esse novo rótulo era homenagear uma personalidade feminina, brasileira, vivida até a década de 1920. Era necessário que tivesse uma biografia cujo legado impactasse a história na

sociedade como um todo ou em seu campo de atuação e que também servisse de exemplo e inspiração para a geração atual.⁸

No Carnaval de 2020, Maria Quitéria foi homenageada no trio elétrico de Cláudia Leite. Sendo o Carnaval uma festa popular de destaque na cidade de Salvador, a história de Quitéria se entrelaça com a cultura popular da região. Em entrevista a revista Marie Claire (2020, p. 5), Cláudia Leite declarou: “No meu carnaval, estou usando três pontos na comunicação: mitologia egípcia, com a deusa Nut sobre fertilidade e universo feminino, e a liderança das mulheres e seus espaços conquistados, como Maria Quitéria”.

Nesse contexto, a personagem torna-se progressivamente uma figura de liberdade, coragem e resistência, deixando de ser exclusivamente associada às lutas pela independência do Brasil. Ela se torna um símbolo não apenas da Bahia, mas também das mulheres baianas e de todas as mulheres que almeja um ideal. Como descreve Lima (2023), "seu nome fugiu da lógica do Exército, do militarismo, do conservadorismo e tornou-se símbolo de luta, resistência e organização coletiva". No entanto, é fundamental lembrar que seu principal objetivo não era desafiar o paradigma da sociedade em relação a mulher, mas sim lutar pela liberdade de seu país por amor à pátria, conforme descrito em numerosas biografias sobre ela.

Portanto, a história das mulheres é uma narrativa em constante evolução, refletindo a capacidade das mulheres de desafiar normas sociais, lutar por igualdade e ocupar espaços que antes lhes eram negados. À medida que continuamos a escrever esse capítulo, é importante reconhecer que a história das mulheres, ou sobre uma mulher como é o caso dessa pesquisa, não é apenas sobre o passado, mas também sobre o presente e o futuro, à medida que as mulheres continuam a moldar e transformar o mundo em que vivemos. A história nos ensina a valorizar as vozes femininas, a celebrar suas conquistas e a inspirar as gerações futuras a perseguirem seus sonhos e desafiar as limitações impostas pelo gênero. À medida que avançamos, a história sobre as mulheres nos lembram de que cada mulher tem uma história importante a contar, e é nossa responsabilidade garantir que essas histórias sejam ouvidas.

⁸ Maria Quitéria é a nova personagem da cervejaria artesanal Bohemian Pilsner, da Titobier. [S.l.], 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.abcdacomunicacao.com.br/maria-quiteria-e-a-nova-personagem-da-mercearia-artesanal-bohemian-pilsner-da-titobier/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Particularmente, concluir esta pesquisa é de extrema importância e uma grande honra. Se hoje posso escrever livremente sobre a história das mulheres, ou de uma mulher como é o caso, é porquê antes, muitas outras abriram caminho, e outras infelizmente não tiveram a oportunidade.

Esta pesquisa representa o resultado de muitas lutas que não foram travadas só por mim. Concluir este estudo significa reconhecer que houve uma longa jornada marcada por silêncios, lacunas na historiografia e falta de visibilidade para as mulheres. Este trabalho é fruto de um processo dedicado e comprometido com cada página escrita, e nele, Maria Quitéria de Jesus não é apenas uma nota de rodapé ou uma curiosidade. Aqui, ela é a essência da pesquisa, nossa inspiração, e o cerne do nosso trabalho, desde o início até o fim.

O objetivo principal desta pesquisa era analisar as diferentes imagens de Maria Quitéria ao longo do tempo, especialmente nos três períodos destacados. Em 1823, inicialmente, por ser uma mulher dentro do Exército, em um ambiente predominantemente masculino e em uma sociedade altamente sexista, seria compreensível esperar que ela fosse rejeitada e mal recebida. No entanto, surpreendentemente, as pessoas a acolheram calorosamente. Quitéria recebeu a Insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro das mãos de D. Pedro, e os jornais daquela época exaltaram sua bravura, coragem e amor à pátria. Maria Quitéria foi celebrada como uma heroína em uma sociedade onde as mulheres não tinham direitos e eram tradicionalmente destinadas ao cuidado da casa e dos filhos.

É importante destacar que Quitéria tinha fatores a seu favor, como ser filha de um fazendeiro e ter habilidades superiores no manuseio de armas em comparação com alguns homens da época. Esses atributos fizeram com que o Exército não a rejeitasse quando descobriu sua verdadeira identidade. Em um trecho do livro de Lima (1977), o comandante, ao descobrir que ela era uma mulher, disse: "[...] O Brasil, neste momento, precisa de pessoas assim. O sexo não importa" (Lima, 1977, p. 116). Isso demonstra que Quitéria mereceu reconhecimento por sua coragem, bravura e compromisso demonstrados em batalha.

É válido considerar que o desfecho dessa história poderia ter sido diferente em outra época ou sob circunstâncias menos desafiadoras. No entanto, essa afirmação não diminui de forma alguma as realizações da heroína, pois seu desejo de lutar pela pátria foi notável e digno de reconhecimento.

Em 1953, durante a comemoração em sua homenagem pelo Exército, Maria Quitéria foi grandemente enaltecida por seu notável patriotismo e coragem em batalha. Sua imagem foi retratada como a personificação do ideal de um soldado que lutava fervorosamente pela pátria, ao mesmo tempo em que mantinha intactos os valores tradicionais da feminilidade. O Exército utilizou a figura de Quitéria como um exemplo inspirador para suas tropas, destacando que esse era o tipo de soldado que desejavam, alguém com amor e devoção à pátria.

Os jornais da época refletiram essa narrativa, de que todos os cidadãos deveriam se espelhar no patriotismo de Quitéria. Quanto aos valores associados à boa mulher daquela época, enfatizando que após suas vitórias em batalha, Maria Quitéria retornava ao lar para cumprir seu papel tradicional, casar e cuidar de sua família. Isso demonstrava que mesmo após seguir seu coração e servir à grande família que era a pátria, ela não negligenciava suas responsabilidades como mulher e mãe.

É interessante notar que, embora o Exército encorajasse as mulheres a contribuírem para a pátria, havia também a necessidade de que elas se mantivessem dentro dos limites estabelecidos pela sociedade. Elas podiam lutar pela pátria, desde que não abandonassem seus deveres tradicionais como mulheres e mães. É evidente que o Exército não podia apenas homenagear Quitéria por suas ações como mulher-soldado, mas também precisava associá-la a uma figura masculina, como ocorreu com Duque de Caxias. Conforme observado pela historiadora Cristina Wolff, a figura de Maria Quitéria foi explorada pelas autoridades como um meio de motivar voluntários, uma vez que uma mulher disposta a sacrificar-se pelo Brasil "inspirava os 'filhos da pátria' a demonstrar bravura" (Wolff, 2012, p. 425).

Encontrar fontes contemporâneas que retratem a figura de Maria Quitéria é desafiador, mas hoje em dia ela é frequentemente vista como um símbolo de resistência, coragem e liberdade. Inicialmente a personagem é construída a partir de sua capacidade guerreira e da sua atuação nas lutas pela independência, atualmente há uma perspectiva feminista, sendo a personagem construída a partir de sua capacidade de transgredir as normatividades de gênero. Sua história, coragem e determinação em perseguir seus

objetivos, mesmo que isso tenha quebrado as normas sociais da época, são fontes de inspiração para muitas mulheres. É importante destacar que Maria Quitéria não tinha a intenção de desafiar essas normas de gênero, sua motivação principal era defender sua pátria e sua casa, lutando pela independência do Brasil. É válido mencionar que se a independência do Brasil não tivesse sido colocada em questão, é possível que Maria Quitéria tivesse permanecido em sua terra natal, levando uma vida menos aventureira, uma vez que sua luta estava centrada na causa patriótica, não na busca por mudanças específicas para as mulheres.

No entanto, apesar de ter caído no esquecimento durante um determinado tempo da sua vida e de ter vivido em condições de vida bem diferentes do luxo desfrutado pelos grandes heróis masculinos, a história de Maria Quitéria perdura. Ela se mantém viva em todas as celebrações da Independência da Bahia, da Independência do Brasil, do Dia do Soldado, do Carnaval e das festividades locais no Nordeste, além de ter um lugar dentro da academia e na História das Mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvia Capanema. P. de. Do marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 61, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/bmBQ5vdP3SFRDSPk7ZSGH9f/?lang=pt>. Acesso em: 13/09/23.

ANDRADE, Suelen dos Reis. **“Mas lembrai-vos que manejo as armas”**: Como os jornais brasileiros abordaram a participação de Maria Quitéria de Jesus nos movimentos de Independência do Brasil na Bahia (1823-1829). Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Pelotas Instituto de Ciências Humanas Curso de História – Pelotas, 2021.

BRASIL, Bruno. **Nova Luz Brasileira**. Biblioteca Nacional Digital, 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/nova-luz-brasileira/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CAIRE, Raymond. **A Mulher Militar: Das origens aos nossos dias**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 2002.

CAMPOS, Carlos Augusto de. **As heroínas do Brasil: perfis biográficos da história militar do Brasil**. Rio de Janeiro; S. Paulo: [s.n.], 1917.

CARLONI, Karla. **A esquerda militar no Brasil**. Jorge Ferreira e Daniel Reis (Org.). As esquerdas no Brasil, Nacionalismo e Reformismo Radical. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COELHO, Raphael Pavão Rodrigues. **A Memória de uma Heroína: A construção do mito de Maria Quitéria pelo Exército Brasileiro (1953)**. Tese (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense Instituto de História. Niterói, 2019.

Decreto Nº 32.999, de 10 de Junho de 1953. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-32999-10-junho-1953-337653-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13/03/23.

Decreto Nº 35.005, de 4 de fevereiro de 1954. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-35005-4-fevereiro-1954-332075-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13/03/23

DEL PRIORE, Mary (org.) e BASSANEZI (coord.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

FAQUI, Lara Camini. **As Diferentes Perspectivas Sobre Maria Quitéria de Jesus Através do Tempo**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – ERECHIM, 2022.

GALENO, Henriqueta. Maria Quitéria de Jesus, heroína brasileira. **Revista da Academia Cearense de Letras**, v 25, n. 2, 1954. Disponível em: https://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1954/ACL_1954_25_Maria_Quiteria_de_Jesus_Heroína_Brasileira_Henriqueta_Galeno.pdf. Acesso em: 13/09/23.

GAYO, André Moysés. **O Clube Militar no Segundo Governo Vargas**. Dibrarq, 2020.

GEARINI, Vitória. **Maria Quitéria: A Heroína que se disfarçou de homem para entrar no Exército Nacional**. AH – Aventuras na História, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/maria-quiteria-aheroína-que-se-disfarçou-de-homem-para-ingressar-o-exercito-nacional.phtml>. Acesso em 13/03/23.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Tradução de Américo Jacobino Lacombe. São Paulo, Editora Ganier. 2021.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II, Volume II. Rio de Janeiro; BertrandBrasil, 1997.

LAMARÃO, Sergio; MONTALVÃO, Sergio e URBINATI; Inoã Carvalho. In ALVES, Alzira Abreu. **Dicionário Histórico-Biográfico da primeira república (1889-1930)**. Verbete Clube Militar. 1º ed: CPDOC. Rio de Janeiro, 2015.

LIMA, João Francisco de. **A incrível Maria Quitéria**. São Paulo: Nova Época, 1977.

LIMA, Wesley. **Conheça Maria Quitéria, uma mulher que "subverteu a ordem" do seu tempo**. MST. São Paulo. 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/2023/07/26/conheca-maria-quiteria-uma-mulher-que-subverteu-a-ordem-do-seu-tempo/>. Acesso em: 10/09/23.

Maria Quitéria é a nova personagem da cervejaria artesanal Bohemian Pilsner, da Titobier. [S.l.], 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.abcdacomunicacao.com.br/maria-quiteria-e-a-nova-personagem-da-cerveja-artesanal-bohemian-pilsner-da-titobier/>. Acesso em: 05/11/23.

MARTINS, Elisa. **'200 + 20': Mulheres e meninas se inspiram em Maria Quitéria, baiana que lutou pela Independência**. [S. l.], 14 ago. 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/200-20-mulheres-meninas-se-inspiram-em-maria-quiteria-baiana-que-lutou-pela-independencia-25555842.html> . Acesso em: 10/09/23.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da Independência**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, 1992.

MUNIZ, Diva do C. G. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. **Revista OPSIS**. Catalão/GO/UFG, v. 15, n. 12, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288658870_Feminismos_epistemologia_feminista_e_Historia_das_Mulheres_leituras_cruzadas. Acesso em: 10/09/23.

NETO, Manuel Domingos. **Influência Estrangeira e luta interna no Exército (1889-1930)**. In: ROUQUIÉ, Alain. Os Partidos Militar no Brasil. Ed. Record, Rio de Janeiro. 1980.

PEIXOTO, Antônio Carlos. **O clube Militar e os confrontos no seio das Forças Armadas (1945-1964)**. In: Rouquié, Alain. Ed. Record, Rio de Janeiro. 1980.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

REIS JÚNIOR, Pereira. **Maria Quitéria**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.

REVISTA MARIE CLAIRE. Fevereiro, 2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/02/claudia-leitte-homenageia-maria-quiteria-em-trio-em-salvador.html>. Acesso em: 05/11/23.

RIBEIRO, Ana Paula G. **A Imprensa da independência e do primeiro reinado: engajamento e mercado**. V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5oencontro-2007->. Acesso em: 10/09/23.

ROVINA, D. P. M; SOUZA, N. L. de F. **A mulher militar brasileira: conquistando mares, alçando voos e desbravando terras**. 2015. Disponível em: http://www.esg.br/images/Laboratorio/publicacoes/Artigo_ESG_BRASIL_Livro_Mul. Acesso em: 17/09/23.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. **Teoria da História: o fundamento da ciência histórica**. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SANTOS, Joel Rufino. **O soldado que não era**. São Paulo: Moderna, 2003. SOUZA, Bernardino. **Heroínas Bahianas**. José Olympio Editora. São Paulo, 1936. TAVARES, Luís Henrique Dias. **Independência do Brasil na Bahia**. Editora: Edufba. Bahia, 2005.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **A imprensa em Minas Geraes (1807 – 1897)**. Ouro Preto. Revista do Archivo Publico Mineiro. 3: 1898. 190-191. Disponível em: <https://archive.org/details/revistadoarchiv01minegoog/page/n195/mode/2up?q=A+imprensa+em+Minas+Geraes>. Acesso em 13/03/23.

WOLFF, Cristina Schelb. **Em armas: Amazonas, Soldadas, Sertanejas, Guerrilheiras**. In: PINSKY, Carla B; PEDRO, J. M. Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012.

A autora

Cynthia Thayse Vieira Vicente

Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Nordeste sede de Formosa - GO. Desenvolve pesquisas nas áreas de História Indígena, Cultura Afro-brasileira, Temas de História da África, Educação e Diversidade. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4508-6414> . E-mail: Cynthiathayse31@gmail.com

